

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174

Rio de Janeiro — Tel. 4537 C.

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil.....	um anno	9\$000
União Postal.....	» »	10\$000
Para o Brasil.....	6 mezes	5\$000

SUMMARIO

A União, o ensino e a unidade do espirito nacional.

IDEAS E FACTOS

Carlos Góes.....	Missão Social do professor
Ranulpho Bocayuva Ca- nha (discurso).....	A união e o ensino primario
Francisco Prisco.....	Prédios escolares
F. P.....	Breviario de Hygiene

A ESCOLA

P. A. Pinto.....	A Margem dos Lusiadas
Hemeterio dos Santos..	O ensino da lingua nas escolas primarias
J. N.....	Leitura primaria

LICÇÕES & EXERCICIOS

A União, o ensino e a unidade do espirito nacional

Estou certo de que para a educação do povo, no Brasil, onde os Municipios, miseraveis de renda, e os Estados, em regra absorvidos pelas questões de partidos e as preocupações exclusivamente politicas, quasi nada têm feito e muito pouco poderão fazer, sosinhos, a interferencia federal é imprescindivel e urgente. Todas as forças sociaes deverão agir em beneficio da organização da educação brasileira, mas nenhuma dellas, pelo seu poder centralizador, pela sua autoridade e pelos seus recursos financeiros, poderá concorrer em importancia e decisão com o governo federal.

Isto não quer dizer que a União vá decretar um padrão unico de ensino, mas, na disparidade natural da organização escolar de Estado a Estado, ella estabelecerá a unidade do espirito nacional.

A Allemanha, para melhor obter a unidade nacional pela unidade de cultura, criou ultimamente a escola basica

(grundschule) em cujos bancos serão obrigados a sentar, durante quatro annos, indistinctamente, todos os allemães. Nos proprios Estados Unidos, paiz descentralizado por fatalidades historicas seculares, cabe á União o papel de coordenador e, sobretudo, de defensor da organização do espirito nacional, dirigindo a obra de assimilação do estrangeiro e da americanização definitiva do povo pela escola.

Assim, pois, no Brasil onde a percentagem de analphabetos é tão grande, os nucleos de população são tão esparsos e as correntes immigratorias consideraveis e crescentes, necessitamos, com urgencia, de intensificar o poder de assimilação da nossa raça. Para isso nada melhor do que a criação da escola popular federal levando a toáo territorio, independente de regionalismo e de fronteiras estaduais, a consciencia e a força da unidade do espirito brasileiro.

A. Carneiro Leão

I — IDEAS E FACTOS

Missão social do Professor

(Fragmento de um discurso) (1)

Em nosso paiz — é força confessar — os poderes publicos ainda não se compenetraram devidamente do papel que o professor desempenha na formação do caracter nacional, nem do contingente com que contribue para a plasticidade da fâcies ethnica do individuo.

Certos paizes só lograram attingir o ultimo estâdio do progresso, depois que puzeram em pratica as seguintes medidas:

a) extincção quasi absoluta do coeffericiente de analphabetos;

b) o ensino technico-profissional como base da riqueza publica e da emancipação economica;

c) o ensino militar como complemento ao ensino civico;

d) o caracter nacional como um conseqüentario logico da educação na escola.

Ora, não ha ensino sem professorado. Onde se pratica o ensino (qualquer que seja a sua modalidade), ahí encontraremos sempre o professor, em qualquer das multiplas entidades em que se desdobra a sua actividade polymorphica: o preceptor, o mestre, o lente, o consultor, o especialista, o instructor, o pratico, etc.

Um grande paiz que poderei citar como exemplo d'esse assérto — o Japão, para realizar a maior refôrma de que ha exemplo na Historia (a maior, porque reformou radicalmente, em 35 annos, instituições e costumes millenares, cujas raizes remontavam ás origens e á prehistoria do proprio povo nipponico), o Japão, antes de operar a sua hegira conhecida pelo nome de *Meidji*, importou da Europa e dos Estados Unidos professores de toda casta, de todas as especialidades, de tudo quanto, para ser transmittido, necessitava de um explicador ou instructor. Esses professores ganhavam sommas fabulosas e foram acolhidos com as maiores honrarias. O Japão, porém, não desconhecia o perigo da infiltração estrangeira na educação nacional. E d'ahi? D'ahi, logo que a grande nação poude dispensar os serviços d'esse professorado alienigena, fê-lo a trôco de pingues indemnizações: os professores foram despedidos em massa e, em massa, substituidos acto continuo por discipulos seus, filhos do paiz, muitos dos quaes já se avantajavam aos proprios mestres da vespéra...

E foi então que surgiu o novo Japão, erigido em potencia bellica de primeira ordem, com a hegemonia politica na Asia, o Japão fabril, metallurgista e exportador, o pequeno archipelago que venceu a maior nação territorial do mundo...

Quando o governo do Mikado annunciou que ia iniciar a Refôrma, não faltaram espiritos

suspicaes e timoratos que prophetizassem uma grande "revolução social", como reacção logica ao radicalismo que vinha assim, inopinadamente, destruir instituições e costumes que datavam, não de seculos, mas de millennio. O governo sorriu, e levou por deante a refôrma. A annunciada revolução social não veiu, e o novo Japão surgiu, fazendo o assombro do mundo! E tudo isso foi o resultado de uma educação systematizada, de um preparo lento, gradual e rythmico, de um cyclo cujos marcos já se achavam de antemão previstos, medidos e calculados!

Si é verdade que todo governo tem uma missão administrativa por desempenhar, e que essa missão assenta em determinados pontos de programma que é mister coordenar e realizar, — não é menos verdade que nenhuma missão administrativa consegue desempenhar literalmente o seu mandato, sem que o caracter do povo tenha sido previamente afeiçoado para acceital-o, não passivamente, mas com a consciencia plena de sua oportunidade e de sua publica utilidade. Onde se afeiçôa esse caracter? Na escola. Invocarei o mesmo Japão para dar-vos d'isso uma prova:

Muito antes de estalar a guerra russo-japoneza, já o conflicto armado das duas nações era, nas escolas publicas, por ordem do Governo, apregoadado em todos os tons como um facto inevitavel, necessario até a bem da grandeza dos destinos do Japão, — emquanto na Russia os seus dirigentes, si não haviam ainda vislumbrado o proximo perigo, pelo menos lhe fechavam os olhos com um supposto optimismo, que outra cousa não era sinão a mascara da imprevidencia e da incuria...

Quando a guerra se deflagrou, os nippões não se tomaram de surpresa e, muito menos, de pavor, porque desde os bancos escolares esse facto historico lhes era insuflado pela voz oracular do mestre, e, si surpresa houvera, seria a de que esse evento fatal não houvesse estalado mais cedo... Outro exemplo: No Japão se ensina á criança, com toda a força persuasiva que emana de uma suggestão superior, que "a vida não lhe pertence, mas á nação; que ao deus da nação deve agradecer o estar vivo, porque lhe tem permittido fruir a paz; que, si um dia estalar a guerra contra o estrangeiro, o seu primeiro dever será entregar á nação a vida que tem usufruido por emprestimo." Ora, o que sensibiliza a alma plastica de uma criança, perdura-lhe indelevel no espirito e no coração. E' notorio que até as abusões logram radicar-se no espirito da criança até á sua plena maturidade de homem. Por isso, quando era forçoso destacar soldados para empresas em que a morte era fatal e imprescriptivel, — todos se offerciam a um tempo só e, sorridentes, tranquilos, impávidos, marchavam para a morte com a serenidade estoica de quem caminha para a redempção... Essa calma heroica seria o producto consciente e volitivo de um impulso proprio? Não: era apenas o fruto reflexo de uma suggestão remota. Isso, porém, não diminuiu o he-

roismo do povo japonez, nem impediu que fosse reconhecido e proclamado por outros povos, em que são diversos os processos de educação...

Ora, sabido que é na infancia que se molda o caracter que terá de estratificar-se na adolescencia, sabido que essa estratificação não altera, mas cimenta e fortalece, o molde plasmado na infancia, sabido que a criança possui uma receptividade muito mais sensivel que o adulto, por isso que as sensações que apprehende do mundo exterior, quando não são virgens ou inéditas, ainda não lhe embotaram a impressionabilidade, sabido que repugna ao adulto contrahir habitos novos que estejam em desaccordo com aquelles que lhe foram inculcados na infancia, chega-se, por uma deducção axiomática, ás seguintes illações:

a) o caracter do homem é um producto reflexo de sua educação na infancia;

b) a criança é o embryão do homem, assim como o homem é a evolução natural da criança.

Em torno d'essas duas maximas, verdadeiros dogmas da moderna pedologia, terá de gravitar o problema da educação nacional. Assim o têm comprehendido e praticado os paizes mais adeantados, onde o caracter do homem, mercê dos modernos processos educativos, deixou de ser uma irradiação do estado de plena consciencia e de plena-responsabilidade, para ser o reflexo de antecedentes doutrinarios, para ser a resultante de suggestões enxertadas, para ser a reiteração automática de habitos disciplinares. O mais admiravel é que os individuos "victimas" d'esse processo de educação, vivem e morrem na doce illusão de que estão agindo por impulso proprio, de que obedecem apenas ás prescrições e ás injunções de sua livre-vontade, de que as suas acções são o mero effeito de sua voluntariedade autónoma, quando estas nada mais são do que o conseqüentario de um determinismo prestabelecido! A nós repugna que o soldado de certos exercitos, que, ao ser recrutado para as fileiras, era um camponio rude e pacifico, se converta, mezes depois, em virtude da "educação militar" que lhe foi "imposta", em uma machina automática que avança destemerosamente em hostes cerradas, affrontando os tiros de barragem, deixando-se cahir como as espigas ceifadas pela foice do segador, e deixando-se morrer sem um grito de revolta. Na guerra do Paraguay os soldados de Lopes batiam-se com um denodo em que era visivel o desprezo pela vida, porque o astuto dictador tivera antes o cuidado de capacital-os de que, morrendo em campanha, "resuscitariam depois em Assumpção".

Dir-se-ha, em objecção, que esses processos educativos eliminam o livre arbitrio, tornam um como fatalismo accional, tornam o individuo um automato. Contra a objecção ha a refutar: primeiro) que os individuos assim educados nunca se capacitariam de que suas acções sejam sub-conscientes, e interpretariam como o maior dos insultos semelhante irrogação; segundo) que os resultados beneficos d'esse processo conduzem a uma unidade e homogeneidade em seus effeitos que nunca seriam conseguidos com a educação clarevidente, onde a propria clarevidencia conduz a diferenciações que destróem a unidade e cream a heterogeneidade; terceiro) que o sentimento de hierarchia, base de toda e qualquer organização politica,

ainda as mais democraticas, attinge o seu apogeu em tal regime educativo.

A nós, povo imbuido do feticchismo da liberdade, a nós, que temos da liberdade uma noção ampla e tão elastica que quasi a delimitamos com a impunidade, a ponto de ser difficil discernir onde uma começa e onde outra acaba; a nós tem repugnado até agora a pratica de semelhante processo de educação, e permitta Deus não venhamos a penitenciar-nos muito tarde do falso erro em que temos perseverado, mercê de uma falsa hermeneutica e de um falso sentimentalismo... Fazemos praça da educação clarevidente, da educação consciente, da educação de responsabilidade, bellissima para divagações philosophicas, para surtos de oratoria, para trópos de rhetorica, mas de desastrosos effeitos na pratica e na execução, maximé nos povos que ainda perlustram a infancia da Historia...

Educação é a disciplina do habito. Como se educa o soldado? Habitando-o desde cedo á contingencia militar. Como se educa o frade? Habitando-o desde logo á clausura, á meditação, á continencia, á renuncia. Como se educa o operario? Habitando-o successivamente á firmeza do punho, á acuidade da visão e á dextridade manual. E assim em todos os ramos da actividade. Cada vez que o homem se inicia num habito novo a que não estava afeito, — ha, naturalmente, uma reacção organica: rebellam-se todos os orgams que terão de entrar em contacto com a nova funcção que lhes é imposta. E' este o periodo mais critico da educação, o que requer do educador maior somma de assistencia, de vigilancia e de persuasão, e o que reclama do educando maior dóse de tenacidade e paciencia. Vencida que seja a reluctancia d'esses orgams, entram estes a funcionar conjugados á tarefa que terão de desempenhar: crea-se, por assim dizer, uma neo-physiologia, algo paradoxal, porque, como é de regra, é a funcção que decorre do orgam; entretanto, nas reacções educativas, observa-se quasi o opposto: o orgam adapta-se á funcção, a funcção encaminha e adextra o orgam.

Ora, a infancia é a phase da vida mais consentanea á adaptação dos orgams ás funcções que se pretende sejam desempenhadas pelo individuo. A esse respeito a criança é, physiologicamente, superior ao adulto, porque a sua plasticidade, a sua sensibilidade, a sua impressionabilidade, a sua acuidade, a sua receptividade são muito mais apuradas e acuradas que no adulto. Acresce que o adulto possui uma aversão natural a contrahir habitos novos, isto é, a educar-se diversamente do que se sabe ou se julga educado: qualquer innovação elle a interpreta como uma abjuração ou renegação de outra educação preexistente, quando a não interpreta como uma violação á sua autonomia, como um attentado á sua livre consciencia!

Ao nascer, a creança é unica e exclusivamente o fruto da hereditariedade. Assim como esta lhe dicta a côr da pelle, dos olhos e do cabello, tambem lhe determina a localização latente de determinadas taras, que com o crescimento ou a maturidade tenderão a explodir e a manifestar-se. E' o primeiro factor a influir no moral do individuo incipiente. E' o primeiro degrau da escala deterministica da vida...

A' hereditariedade segue-se um segundo factor que entra a colaborar logo após o nas-

(1) Proferido na collação de grau das normalistas da Escola Normal de Muzambinho (Sul de Minas).

cimento — o meio ou a influencia mesologica, que reveste dois aspectos: o physico e o social. O factor meso-physico actúa por influxo do clima, do habito, dos agentes tellúricos, das causas ambientes, das forças secretas (algumas das quaes ainda desconhecidas da sciencia) disseminadas pelo ambito que rodeia a criança, desde a luz que lhe altera e decompõe o pigmento até a electricidade que lhe incide no systema nervoso e no aparelho espinal. Muitas vezes o factor meso-physico entra em lucta com o factor hereditario; este representado pelo sangue, pela consanguinidade, pela ascendencia, pela progenie, pelo passado que lhe lateja nas veias; aquelle pelo solo, pela terra, pela natureza, pela actualidade que a comprime em seu circulo de ferro. E' da collisão entre o factor hereditario e o factor meso-physico que, ou triumpho o sentimento nativista, o afêro ao solo, o apêgo á terra, a suggestão do ambiente, a noção de de uma patria *in loco*, ou triumpho o sentimento de raça, o afêro aos antecedentes familiares, o apêgo ás tradições genealogicas, a noção de uma patria remota e extraterritorial. O caracter da criança é um pendulo que oscilla entre dois polos: de um lado a terra com o prestigio de sua presença diuturna, com a suggestão de seus aspectos pittorescos e de suas fórmulas sempre renovadas, com a força incoercível de seu magnetismo sideral; de outro o lar com a sua constituição disciplinar, a sua suggestão e ascendencia moral, o seu predomínio hierarchico...

Ao factor meso-physico se segue o factor meso-social, cujos effeitos a criança só começa a apprehender á proporção que se lhe vão descerrando as portas do entendimento e da subconsciencia. E' o factor social que lhe inculca a linguagem (o principal instrumento de aquisição de impressões e sensações novas), a imitação (principal faculdade conducente á assimilação), a religião (base da comprehensão da moral e do direito) e, successiva e paulatinamente, todas as demais relações que emanam do convívio em commum. O factor social decorre de toda e qualquer comunicação entre a criança e o circulo de pessoas com que cohabita. A mãe e a ama são as pessoas que maior ascendencia exercem no espirito do infante, e as que mais actúam na formação do seu espirito. Um illustre pedagogista francez diz que "os joelhos da ama são o primeiro degrau da escala educativa". A influencia que têm as amas no moral da criança!... São ellas que, supprindo as mães, lhe vão transmittindo a linguagem, corrigindo-lhe os defeitos de pronuncia, ampliando á palavração, o tautosyllabismo, ampliando á phraseação a palavração inculcando-lhe, os primeiros rudimentos da grammatica ou da disciplina da linguagem, ministrando-lhe as primeiras noções da moral social, da hygiene, da religião, a par de certas abusões quasi sempre maléficas, que as tornam supersticiosas, credulas e pusillanimes. Por força deste ultimo inconveniente, na Europa as familias de tratamento têm o maior escrupulo na escolha das amas, que consideram quasi-preceptoras, e não simples criadas, e a quem encarregam de instruir a criança pelo processo froebeliano, o da instrucção deambulatoria e occasional, ministrada se-

gundo as sollicitações da curiosidade da criança.

A proporção que se vae alargando o circulo de relações da criança, isto é, á proporção que se ampliam os raios do meio onde ella se desenvolve, — vae-se ampliando a par e passo o coefficiente do factor social. O perigo maior é o da transição do lar para a rua, da vida intramuros para a vida extramural, da vida interna propria-mente familiar para a vida externa ruidosa e tumultuaria, para o grande scenario da humanidade, onde a criança, ávida de sensações, irá entrar em relação com a sociedade, com o mundo, com a alma complexa das multidões, com esse grande protheu que é a vida social e collectiva.

E' o momento capital da maxima vigilancia do pae ou da mãe, é o momento delicado do seleccionamento das relações, do apuramento das companhias com que terá de se pôr em contacto a criança, é o momento melindroso em que se faz mistér soffrear, ou illudir a curiosidade da criança, ávida por inquirir de tudo, por saber de tudo, quando ha tanta cousa que ainda não se lhe pôde revelar em toda sua nudez e em toda sua crueza...

São, finalmente, a hora decisiva de a criança entrar a escola, de passar do estadio familiar á disciplina escolar, de se ver em competição com outras crianças com quem irá hombrar, de ter a ascendencia paterna substituida pela ascendencia do professor, que para elle é um extranho e uma incognita... A velha noção que a criança tinha de escola-jaula, da escola açougue (um presidio inquisitorial, onde se sujeitavam os alumnos ás maiores torturas e aos maiores vexames), ha muito desapareceu para dar lugar á mansão dourada onde as crianças brincam, bailam e cantam, onde se correspondem, em mutua communhão e afabilidade, onde aprendem não acicatadas pelo castigo e pela ameaça, mas atrahidas pela competição, pela emulação, pelo amor-proprio, — qualidades essas que a cargo do professor esta fomentar e desenvolver com aquella subtil delicadeza de tacto e aquelle faro divinatorio que fazem do professor moderno um psychologo e um analysta...

E' então que o professor entra a desempenhar a sua grande missão apostolica.

Entra agora em acção, na formação ethica da criança, o quarto factor — o factor educativo, destinado a corrigir as eivas inculcadas por qualquer dos outros que o precederam: as taras e localizações atavicas, os preconceitos sociaes, as abusões do meio, os erros inveterados, os maus habitos já estratificados. O factor educativo que é, na ordem chronologica, o ultimo, tinha *a fortiori* de ser posterior áquelles a quem deve eliminar, corrigir, o modificar. O papel do professor, como saneador moral de consciencias, é discernir na criança o que ella possui de congenitamente bom e aproveitavel do que ella possui de constitucionalmente mau ou defeituoso.

A missão social do professor anda ho-tão intrinsecamente connexa á missão administrativa do Estado que, sem a prévia cooperação do professor, sem o prévio desbaste da escola não pôde o Governo pôr em pratica muitos dos pontos substanciaes de seu programma. Po-

exemplo: como pôr em execução muitas das medidas que implicam uma restricção á liberdade individual (porque envolvem a garantia da segurança collectiva), que alcançam o individuo em proveito da communhão, que oneram a um em beneficio da collectividade, — si as gerações novas não foram treinadas no sentido de submeter-se-lhes?

O professor é, pois, uma entidade mista em que se conjugam o patrio poder e o poder publico: um — emanção do direito civil; outro — emanção do direito publico. E' depositario do patrio poder, porque continúa na escola a obra iniciada na familia, porque no transcurso lectivo exerce (guardada a relatividade das posições) a mesma auctoridade moral e a mesma força coercitiva da progenitura no lar. E' depositario do poder publico porque encarna o principio da auctoridade — base de toda a organização politica e administrativa, — porque prepara o advento de futuras relações e cominações entre o Estado e o individuo.

Carlos Goes

—»O«—

A União e o ensino primario

São fundadas as esperanças de proxima e effizaz intervenção do Governo Federal na distribuição do ensino primario por todo o paiz.

Ainda ha pouco tempo publicámos, como eloquente demonstração dos intuitos do actual Governo, as palavras proferidas pelo Sr. Ministro da Justiça, que attestam o seguro proposito de auxiliar a disseminação do ensino elementar nos Estados.

Transcrevemos hoje um trecho do discurso com que o Dr. Ranulpho Bocayuva Cunha agradeceu a homenagem que lhe prestaram seus amigos, reunidos no Jockey Club, e que ainda uma vez affirmam victoriosa a idea da intervenção da União no ensino primario.

O Dr. Bocayuva Cunha não é um nome desconhecido nos meios pedagogicos. Jornalista, desde muitos annos formou ao lado dos que pleiteam a interferencia da União no ensino primario; parlamentar, defendeu e brilhantemente projectou, na Assembléa Legislativa de seu Estado, a organização do ensino profissional.

Foram as seguintes as suas palavras:

.....
Circumstancia toda fortuita e imprevista me compelle á acção no departamento, nobre entre todos, que vela pela mente e pela saude das populações do Brasil. Cuida-se da saude, do ensino primario, não.

Mas, temos a esperança, ou mais que a esperança, a quasi certeza, que a pasta dos negocios do interior e justiça saberá praticar a justiça que o nosso povo espera e levar á grande massa que se agita no interior, esse elemento primacial da instrucção, sem o qual já o velho e famoso parecer de 1887 do maior dos nossos letrados, não via como impulsar a riqueza nacional.

Na expectativa entusiastica dessa alvorada que se vai erguer para o nosso paiz, anciamos que o orvalho da manhã ponha na alma intelligente das nossas populações esse viço que as florestas tropicaes ostentam na pompa admiravel da sua vegetação e que a messe espiritual que venhamos a colher, seja como as flores que desabrocham no seu seio, exhibindo a mesma variedade de cores e a mesma quantidade de tons que abundantemente exornam a nossa flora.

Um escriptor, que se acha sentado a esta mesa já disse que viver é exprimir-se, lamentando aquelles que, tendo vivido embora, não se tenham exprimido em correlação com a sua propria personalidade. Com o analphabetismo triumphante e crescente, quantos milhões de almas nascem, vivem e morrem sem encontrar a sua expressão?

A nossa população é como o nosso sub-solo.

As camadas profundas da alma nacional, as excellencias da nossa intelligencia, as riquezas do nosso sentimento e das nossas qualidades moraes, não encontram ainda a aparelhagem e os instrumentos necessarios para virem á luz da civilização e da vida.

O analphabetismo campeia e augmenta na maioria das antigas provincias, e as gemas da nossa intelligencia nativa jazem, como tantos dos nossos minerios e das nossas pedras preciosas, inuteis e passivas como possibilidades virtuaes, ri-

Chocolate e café só **ANDALUZA**
Fabrica — RUA DOS ANDRADAS RIO DE JANEIRO

quezas em estado latente, socialmente inexistentes.

Só esse problema, só esse empreendimento terá sido uma contribuição inestimável do Ministerio do Interior para a transformação do Brasil.

Trabalhar ao lado de quem se propõe a esse esforço, dá alento, dá fé, dá entusiasmo. Conforta, anima, seduz.

O nosso patriotismo de moço nos segreda que não estaremos mourejando em vão se levarmos a menor contribuição a essa obra fundamental para a civilização brasileira.

Não trarei, porém, a pedra, mas apenas o grão de areia que necessita a argamassa dessa construção».

—»O«—

Predios escolares

Agora que se inicia uma administração, não é fora de propósito lembrar, ainda uma vez, a necessidade inadiável e imperiosa da construção de predios para escolas.

Fôra por certo ocioso recordar as innumeras verbas consignadas a esse desideratum, cuja realisação se impõe sob todos os aspectos, mas que infelizmente constitue apenas assumpto obrigatorio de programmas de governo.

Seria tambem superfluo descarregar anáthemias e maldições sobre a falta de escrupulo com que é aqui habitual o desvio de verbas. Tudo isso são assumptos já mil vezes debatidos e outras tantas vezes repetidos com o mesmo eterno desembaraço...

A verdade, porém, e insophismavel, é que tal facto constitue um crime. As escolas do Districto Federal estão na maior parte alojadas em casas sem nenhum requisito de hygiene. E' aqui um pardieiro sem ar e sem luz, é ali uma casa de familia cheia de quartinhos e corredores excusos, é acolá um palacete, para cuja construção só se pensou na fachada...

Ha oito longos annos apresentou o sr. Alfredo Vidal ao Prefeito de então, o sr. General Bento Ribeiro, uma serie de projectos para que se fizessem os edificios escolares no Districto Federal. E' um trabalho longo, minucioso e completo.

Julgou-o da maneira mais honrosa o sabio cientista que se chamou Oswaldo Cruz.

Mas, infelizmente trazia insanavel um vicio; era pomposo de mais em relação ás sempre miseraveis condições financeiras da municipalidade.

Nem de tanto e tão bom havia mistér.

O de que se carece e o que a Prefeitura pode e deve fazer quanto antes, é manda construir predios simples, confortaveis, mas sem luxo e sem arrebiques inuteis.

A exorbitancia dos alugueis que elle paga, alugueis que absolutamente não correspondem ao valor real da propriedade, está a reclamar providencia immediata á cohibição desse abuso. Ademais disso, a economia que logo se faria, fôra compensada perfeitamente como juro do capital despendido.

Não ha, portanto, abertura financeira que explique ou desculpe os nossos administradores de não procurarem resolver tal problema, de que incontestavelmente depende toda a efficiencia do ensino.

Desgraçadamente não se tem dado attenção ao assumpto que, ou continua insólvel, ou, o que é peór ainda, cada vez mais se aggrava com a compra de casas velhas imprestaveis, em logares ruins, casas de adaptação tão flagrantemente escandalosa e prejudicial aos interesses reaes do ensino, que bem avisado andaria quem as revendesse, como homenagem ao menos ao senso commum!

Ainda ha pouco foi inaugurada a Escola Epitacio Pessoa. E' uma nesga de casa numa nesga de terreno, situada num dos pontos de mais ruido da cidade e castigada durante todo o dia pelo sol, de modo que é necessario o fechamento das janellas para que possam as aulas funcionar!

Ali está o estafermo como uma irrisão e prova do descaso com que se encaram aqui taes cousas...

Em Jacarepaguá, onde ha numerosos terrenos devolutos e casas excellentes, a Prefeitura adquiriu na Praça Secca um chaletzinho ordinario e velho, que lhe custou vultuosa quantia...

No Realengo, no lugar denominado Villa Nova, quase despovoado ainda, onde ha portanto areas enormes de terrenos desoccupados e onde, ao que me consta, possui a Prefeitura grandes extensões por edificar, adquiriu ella, contra a opinião talvez do Director de Instrucção, contra a opinião do Inspector Escolar e contra tambem parecer do Medico, ainda assim adquiriu a Prefeitura um predio, que é a consubstanciação exacta de todas as qualidades «indesejaveis» para o desempenho do papel que canhestro vae prehenchendo: é um sobrado, não tem salas, senão quartos acanhados, não tem terreno e não tem... igual!

Tal situação, porém, não pode permanecer. As escolas da capital do Brasil não podem continuar no estado actual, de descalabro e miseria, cousa que nos envegonha e deprime!

A situação não pode persistir tal como ha perto de 50 annos. Já em 1876, numa de suas «Conferencias», o sr. Conselheiro Corrêa, que foi um verdadeiro apóstolo em materia de instrucção publica, dizia com a franqueza do costume: «Quer-se fundar uma prisão, um estaleiro, uma fabrica, um estabelecimento industrial de certa ordem, o que primeiro se busca é o local apropriado. Para escola primaria qualquer edificio serve!»

que elle encerra os mais uteis e indispensaveis conhecimentos.

E' preciso desde cedo chamar a attenção das crianças para certos habitos e vicios, que mais tarde só lhes poderão trazer consequências más. Essa educação deve ser feita sem preocupações de «ensino, de aula», mas como simples thema de palestra, de modo que a criança vá aos poucos se familiarizando com questões aparentemente de pouca monta, mas em verdade das que trazem em si a resolução de magnos problemas.

O capitulo concernente á hygiene alimentar dá margem a largas e immensas palestras. O que se refere á hygiene da circulação dá ensejo a que se ventilem dois problemas capitaes: o dos desportes e o do alcoolismo.

Os desportes são de incalculaveis vantagens, mas devem ser combatidos por perigosos os excessos a que não raro arrastam os incautos.

Num clima como o nosso, de calor que atenua, o jogo de «foot-ball», por exemplo, durante o verão e em horas de canicula, constitue um crime e é prova do desleixo com que aqui habitual o trato de certos assumptos. Encontram alhures, para os resolver, a prudencia e a clarividencia dos homens de estado.

O alcoolismo merece tambem estigmatizado desde os bancos das escolas primarias. Fôra ocioso repetir os males que elle provoca, tantos e de tal gravidade, que o alcoolismo é hoje combatido no mundo inteiro como dos maiores flagellos que concorrem para a infelicidade da especie humana.

Infelizmente não foi ainda entre nós vibrado golpe de morte contra o ethylismo, que terá certamente na escola uma das mais frutuosas tribunas de combate.

Quanto ao asseio corporal, dá-me occasião o sr. José Rangel de tornar a um assumpto que é, pelo menos em parte das escolas do Districto Federal, de grande interesse e oportunidade; refiro-me á installação de banheiros nos estabelecimentos das zonas rurales. Nem é isso nenhuma novidade. Nas escolas do norte da Europa, da Noruega, da Suecia, ha até os banhos sob a forma de duchas. Não seria de mais entre nós, nas escolas em geral frequentadas por crianças pobres e ignorantes dos mais rudimentares preceitos higienicos, se dessem banhos ao menos duas vezes por semana aos que delles necessitassem.

Seria uma obra de caridade, porque em muitas localidades a agua falta em abso-

—»O«—

Breviario de Hygiene

Acaba o sr. José Rangel, membro da Academia Mineira de Letras, auctor das «Alviçaras», de publicar um livro que é, em suas linhas geraes, valioso attestado da sua competencia.

Trata-se do «Breviario de Hygiene», obra didactica e de vulgarização dos principaes preceitos e regras para a conquista e a defesa da saude.

A hygiene da agua, a hygiene respiratoria, a hygiene alimentar, hygiene da circulação, dos rins, do figado, dos nervos, da habitação, do vestuario, do corpo, da escola, como os exercicios physicos e questões outras de interesse á boa educação, são os objectos de estudo com que compoz o sr. José Rangel o seu utilissimo manual.

O seu livro deve ser lido e «cuidadosamente» commentado nas escolas primarias,

luto, seria obra de educação e seria um proveitoso ensinamento de asseio corporal.

Infelizmente, porém, isto, como tudo o mais, não se obterá tão cedo em nossas casas de ensino, condemnadas pelo descaso das administrações a ocupar pardieiros, que constituem uma das maiores vergonhas com que temos sempre de corar ante o estrangeiro que nos procura.

Essa descuidada hygiene escolar, tão imprescindível quão inexistente no nosso meio, constitui um dos mais prestantes capitulos do «Breviario de Hygiene».

Quem quiser conhecer as nossas escolas no tocante á sua hygiene, é ler pelo avesso (desculpem-me a expressão) todos os requisitos apontados pelo sr. José Rangel. O predio, a situação, a construcção, a divisão, a dimensão das salas, os pateos, o mobiliario, o material... temos tudo que aberra quanto sobre o assumpto estatue a sciencia.

Muito nos alongariamos, se tivessmos de tratar de cada capitulo do precioso livrinho que, como vêm, suscita sempre interesse. Deve ser lido por todos, que todos agrada, tomadas porém, certas precauções quanto a algumas asserções, que colliam com a verdade, e tendo muito de sobreaviz a parte therapeutica.

F. P.

EXPEDIENTE

Com o presente numero inicia a «A Escola Primaria» o 7º anno de publicidade.

Aos nossos assignantes que não reformaram ainda suas assignaturas pedimos o obsequio de o fazerem, o mais breve possivel, afim de evitar qualquer interrupção na remessã da revista.

Não obstante o custo da publicação, que cresce dia a dia, manteremos o mesmo preço de 9\$000 para as assignaturas annuaes e de 5\$000 para as assignaturas semestreaes.

II—A ESCOLA

A' margem dos Lusíadas

(Alguns nomes geograficos)

Jordão. Judéa

«E do Jordão a areia tinha vista.» (Canto III. Est. 27),

E' o Jordão o principal rio da Palestina. Dão-lhe os arabes o nome de *Charia*.

Nasce na vertente ocidental do monte *Hermon*, corre do norte para o sul e se lança no lago Asphaltite, Mar morto, Mar de Loth, Bahr-el-Land ou lam Hamelach dos arabes. O vocábulo *Jordão* provem de palavra hebraica que significa *o que desce, o que corre*, alusão a um trecho do rio em que é êle torrente impetuosa. Em outro logar veremos que, segundo ensina Max Muler, a palavra *Rêno* tem mais ou menos a mesma significação, isto é, corresponde a coisa que desce, que corre.

Separava o Jordão a Galiléa, a Sumária e a Judéa, da Decapole e da Peræa. Decapole é o nome que davam os romanos á parte da Palestina que fica ao norte de *Peræa*, região montanhosa a E. do Jordão e do Asphaltite.

—Hoje, em vez de «areia tinha vista» escreve-se «areia tinha visto».

Da Judéa fala Camões em mais de um ponto.

«Depois de ter Judea sojulgada.» (III. 27).

«E Judea que um Deus adora e ama,

E que os moles Sophenes e os atroces

Cilcios com Armenia que derrama

As aguas dos dous rios...» (III. 72)

«A recobrar Judéa já perdida.» (III. 83)

«Hum mancebo de Assyria, hum de Judéa»

(IX. 34)

Tambem fala nos filhos da Judéa, dando-lhes os nomes de judaicos e de hebreus.

«Desta sorte o Judaico povo antigo

Não tocava na gente de Samaria» (VII. 39).

«Que para o rei Judaico acrescentar-se.» (VII. 80)

«A mãi Hebraea teve e o pai gentio (I. 55)

Sophene ficava a S. W. da Armenia, á margem esquerda do *Eufrátes*, ao norte do monte *Massius*. Veremos em outro logar, que *Sichem* biblica se transformou em *Neápolis*. Por sua vez, esta passou a ser *Naplusa*. Ao norte desta cidade, a duas leguas, mais ou menos, encontra-se *Sbasta* ou *Sebasta*, a antiga *Samária*. Diz Fr. Pantaleão d'Aveiro que a palavra *Samária* significa *guarda* ou *guardada*.

Em Portugal tambem existe uma cidade, fundada por Sancho I, denominada a *Guarda*. Chamou-se Egítania, ou Egedita, no tempo dos romanos, nome que caiu em desuso, tendo ficado o adjetivo.

Aos naturais de Guarda chamamos ainda hoje, egitânos, egitenses ou egitanenses.

Cilcios são habitantes de *Cilicia*, região do sul da Asia menor, proxima do mar Libico, hoje Mediterrâneo.

Armenia, que fez parte do imperio de Alexandre, ficava ao sul do *Ponto Euxino* e ao norte da *Mesopotâmia*. Pertenceu aos Arabes e está hoje incorporada na Turquia asiatica. Os dois rios de que fala o poeta são o *Tigre* e o *Eufrátes*, dos quais adeante trataremos. Aos armênios refere-se Camões no canto VII est. 13.

Das cidades da Judéa fala Camões na mais importante, que é *Jerusalem*, mas não lhe dá este nome:

«Da cidade Hierosolyma sagrada.» (III. Est. 27)

Hierosolima é o nome que, em certa epoca, se deu á cidade hoje chamada de *Jerusalem*. E', dizem os comentadores, o apelido greco-romano. O nome primitivo, parece, foi *Salem* ou *Jebus*.

Pretende-se fosse a cidade fundada por Melchizedec e com o nome de *Salem*. No *Genesis* ha referencias á cidade, em mais de um passo. «Melchizedec rei

O maior tónico da fadiga nervosa, da fadiga cerebral, da surmenage em geral

KOLATENO

E' o summum dos principios activos da NOZ DE KOLA FRESCA, a que se acham associados o MALT e o PHOSPHATO DE SODIO

DOSES: 2 a 4 colheres das de chá por dia, puras ou diluidas em meio calice d'agua.

Todo o genero de artigos

Para

Senhoras, Homens, Creanças e para Casa

Parc'Royal
A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

ESPECIALIDADE EM UNIFORMES E

ENXOVAES PARA COLLEGIAES

de Salem trouxe pão e vinho. (14—18) Hierosalem, depois Jerusalem, deve ser formação híbrida de *Hieros*, grego, que significa sagrado e Salem.

Sendo verdadeiro esse étimo, serão pleonásticas as expressões Hierosolima sagrada, Jerusalem santa, etc. Na «Sionimia geographica» de Abrão Ortelio se encontram estas linhas, que recopio do Bluteau :

«Solyma, Lusa, Bethel, Hierosolyma, Febus Aelia
Urbs sacra, Hierusalem, dicitur atque Salem.»

Fica a cidade na Palestina (Judea) ao N. W do lago Asfaltite. Foi destruída no ano de 135 da nossa era, após uma revolução. Adriano reconstruiu-a e chamou-lhe «Aelia capitolina». Constantino ordenou que se lhe desse o primitivo nome e, após o seu decreto ou ordem, talvez por corruptela, passou a chamar-se *Hierosolyma*. Também ha quem a chame simplesmente *Solima*. Xavier Pinheiro, por exemplo, traduzindo os versos de Dante :

«Gia era il Sole all'orizzonte giunto,
Lo cui meridiano ch'erchio coverchia
Jerusalem col suo alto punto,»

escreveu :

«Resplandecia o sol já no horizonte
Que tem meridiano, onde imminente
O zenith fica de Solyma ao monte.»

(Purgatorio C. II, 1)

Solima é nome de uma alta montanha que se encontra na Asia Menor, na costa septentrional da *Licia*, a cavaleiro de *Faselis*, cidade fundada pelos dorios, de grande importancia na antiguidade. Estrábo a ela se refere. «Vem depois *Faselis*, com seu triplice porto. Esta cidade, muito importante, tem na sua vizinhança um lago, e, acima dêle, o monte *Solima*. . .» Dos *solimos* fala Homero na *Iliade*.—«...logo os solymos debelou...» (Lib. VI. Tr. de Odorico Mendes).

Em obras de literatura amêna é comum designar-se Jerusalem pelo nome de *Sion* ou *Sião*. *Sion*, palavra hebraica que significa arido ou seco, designou, a principio, uma fortaleza construída na extremidade nordeste de uma das colinas de Jerusalem, depois passou a designar a propria colina e o bairro que nela se assenta. Tres são as colinas mais afamadas de Jerusalem—*Sion*, *Moriah* e *Acra*.

Em *Sion*, colina do sudoeste, esteve cidade velha ou *mercado velho*, no dizer do historiador Joséfo. Na *Moriah* existiu o templo. Ao sul desta colina via-se a de *Ophél*, onde havia um arrabalde, a cidade de David, dito *Opha*. Bezeta era outro arrabalde, chamado *cidade nova*, situado em montes, entre os quais o *Gólgota*, muito celebre e caro aos cristãos. O *Golgota* ou *Calvário* tira o seu nome, provavelmente, do ser desprovido de vegetação e assemelhar-se a cabeça nua.

Pretendem outros advenha o nome de aí ter-se encontrado uma caveira de homem.

Ha ainda outras hipóteses de étimo.

—No canto VII, de novo, fala Camões na cidade Hierosolima :

«A cidade de Hierosolyma
terrestre,
Em quanto elle não guarda
Da cidade Hierosolyma ce-
lesté (Est. 6)

Epiphania observa que a expressão *Hierosolima celeste* «é designação mystica do reino dos Ceus».

Hoje, raramente, designa-se Jerusalem por Hierosolima.

E' comum, entretanto, o nomearem-se os seus filhos por hierosolimitanos ou jerosolimitanos.

Existe na Palestina uma cidade de *Salem*, mais ou menos moderna, que não é a bíblica, que deu Jerusalem.

O *Sião* a que se refere Camões no canto X não é aportuguesamento de *Sion*, como pode parecer a superficial exame.

«De Sião largo o imperio
tão comprido» (Est. 123)

«De Sião que estes e outros
mais sujeita» (Est. 125)

Sião é reino na India transgangetica, que tem hoje por capital *Bangkok*, cidade relativamente grande, com população de mais de 600:000 habitantes. Os limites de *Sião* de hoje são ao N. a India e o Territorio de Laos; a E. Laos e o *Cambodge*; ao sul o golfo de *Sião* e a Indo China Inglesa; a W a India e parte do golfo de Bengala. . .

—A Israel refere-se o poeta uma vez:

«Que o povo de Israel sem
nau passou» (IV—63).

Rio, 1923.

P. A. PINTO

O ensino da lingua nas escolas primarias

—Um menino qualquer, chegado a um paiz estrangeiro, não precisará de mais de seis mezes, e, ás vezes, de muito menos, para falar e comprehender a lingua das pessoas que o cercam, diz o notavel autor da «Psychologia da Educação».

Elle o conseguirá por um trabalho completamente *inconsciente*, sem ter necessidade de abrir um dictionario ou uma grammatica.

Essa cousa assim tão facil, tão accessivel ás intelligencias ordinarias, nós não a podemos transmittir ás creanças durante o largo periodo de seis ou mais annos no curso primario.

A causa está unicamente nos processos pedagogicos, nas theorias cerebrinas, no embrulhado da nomenclatura, e no *meio*, em que se muito descorre sobre leis e regras dos phenomenos linguisticos, commettendo-se, a cada momento, os mais grosseiros solecismos e os barbarismos correntes, nas baixas camadas populares dos illetrados.

A escola deve ser um lugar onde se fale correctamente o vernaculo, e todas as disciplinas ali ensinadas devem ser transmittidas e assimiladas em bôa e sã linguagem, «firme, segura, limpa e branda,» como disse o illuminado Camões.

Formado o *meio* escolar de pessoas versadas no conhecimento da lingua, no emprego do seu rico e sonoro vocabulario, o menino não encontrará difficuldade alguma, e, dentro de um curto espaço de tempo, ninguem sentirá *tão claramente*, duas correntes na lingua — a *plebéa* e a *livresca*.

Pela leitura conscienciosa, bem entendida no seu alto valor artistico, desde as classes dos principiantes até ao ultimo anno, a lingua deve ser ensinada.

Derramando-se nas classes as obras literarias, e, só depois de bem sentidas, tomadas as equivalencias dos vocabulos, das phrases, dos periodos dos trechos lidos e commentados, é que se deve fazer o trabalho grammatical, na sua variedade de formas vocabulares, e na musica incomparavel da sua syntaxe.

Na leitura, corrigir pela *imitação* todos os vicios populares que se não de-

vem ouvir na escola. Fazer *soar* docemente o — *r* e o *l* finaes; as terminações — *ão*—*am*—*em*—; *ães*, *ões*, *aões*.

Os infinitos — *cantar*, *temer*, *punir*; os substantivos — *coração*, *irmão*, *cão*; *corações*, *irmãos*, *cães*, *tão* brandos, quando no plural sentimos o *til* no justo lugar, isto é, depois da prepositiva — *dizendo-se*—*coraçõ-es*, *irman-os*, *can-es*; as terminações pessoas dos verbos, tão melodiosas e expressivas, devem ser o cuidado de toda a hora, não só do professor como de todos os funcionarios da escola—

«Uma das melhores riquezas da lingua portugueza, diz Agostinho de Campos, nós—Paladinos da Linguagem—, é a sua abundancia de formas verbaes diferenciadas para cada pessoa do singular e do plural.

A ella devemos a possibilidade de supprimir quase normalmente o pronome sujeito, e de evitar assim na linguagem literaria repetições que tornam o discurso monotono, dando-lhe toada de ladainha, que só o habito nos impede de sentir com desagrado na prosa de outras linguas, menos ricas em flexões de conjugação.»

Não tolerar, de maneira alguma, a leitura mechanica; variar a entonação, e evitar a pronuncia dos compostos e dos derivados em desaccordo com os simples: como se diz—*assistir*, *consistir*, *insistir*—dizer—*desistir*, *persistir*, *resistir*, com o som de—*s*—e não de—*z*—; *vigesimo*, *trigesimo*, *quadregesimo*, soando—*s*— e não —*z*—, etc.

O desleixo de pronuncia, na conversação diaria, a leitura má, são flagellos de summa perniciosidade no ensino.

De que servem lições de grammatica em um *meio* em que se descure da bôa linguagem, por vezes maltratada durante os poucos minutos das aulas?

Banir da escola todos os livros didacticos (?) vasados torpemente em linguagem viciada, e contraria á boa vernaculidade.

Do conhecimento pratico da lingua depende a integridade da Patria, e esta é a primeira missão da escola primaria.

(Continúa)

HEMETERIO DOS SANTOS

LEITURA PRIMARIA

Temos todos os dias notícia do aparecimento de novos livros para o ensino da leitura primaria, e quantos se publicam tornam mais evidente o facto de que nessa materia não ha ainda opinião firmada de quaes sejam o processo e o methodo mais convenientes e efficazes, nessa importantissima disciplina.

Se de facto, pelo menos nas escolas da Capital Federal e nas de Minas e S. Paulo, já felizmente - se vê de todo abolida a *soletração*, não é menos certo que em muitas destas e nas do interior do paiz, o baralhamento do processo phonetico das *syllabas* com o *analytico da palavra* tem prejudicado grandemente o ensino, pela falta de uniformidade na applicação de qualquer delles.

De um lado são os autores de cartilhas de leitura que, sem a experiencia e observação pessoal do que se passa na escola, professam theorias bebidas nos livros da velha pedagogia; de outro são os professores que, por isso mesmo, a custo se libertam da rotina do ensino antiquado, e uns e outros, não podendo fugir á evidencia dos processos modernos, pretendem conciliar o *synthetico* com o *analytico*, produzindo a confusão que se observa na maioria das nossas escolas.

Com tal encontro e vacillação de opiniões, são desvirtuados e deturpados na sua applicação os processos que se baseiam em doutrina moderna, pedagogica. A quem tiver interesse em percorrer diferentes classes de leitura primaria, se deparará o facto curioso da variedade de formas, umas complicadas, outras extravagantes, por que se ella ministra, fazendo-se enfadonha e ridicula dos proprios alumnos essa disciplina capital da escola primaria.

Analyticos ou syntheticos, quaesquer que fossem os processos de ensino, queriamos vel-os definidos e precisos, expostos em compendios que os façam uteis e efficazes, instruindo e deleitando os alumnos, e não esses martyrizantes artificios de memorização de sons e vocabulos, sem naturalidade e sem adaptação ao instincto e á idade da criança, que fazem da professora machina de ensinar em vez de educadora de aptidões.

Taes ponderações nos suggere a nova edição do livro *Primeira Leitura* do prof. A. Joviano, que a Livraria Alves está reimprimindo, tendo-o adquirido para se lhe dar maior divulgação. Partidario e iniciador do methodo *analytico da leitura da palavra conjunctamente com o da escripta*, o professor Joviano segue-o inteiramente no seu compendio de leitura, o qual conta já cerca de cem mil exemplares em uso nas escolas de Minas e nesta Capital, onde está officialmente approvedo.

Será de muito interesse aos nossos leitores conhecer o prefacio da ultima edição desse livro, em que o autor expõe os fundamentos scientificos e pedagogicos que servem de base ao methodo e processo adoptados na sua obra. Aqui o transcrevemos em seguida:

AOS SRS. PROFESSORES

«Nenhum professor ignora que o cerebro humano contém áreas diversas, distribuidas pela sua parte cortical, cada uma das quaes é um centro de determinada elaboração mental. Assim temos — a área da **visão**, na parte occipital, a da **audição**, na parte temporal, as dos **movimentos**, circundando o sulco de Rolando. Destas ultimas faz parte a da **palavra**, na região frontal inferior, do lado esquerdo, a mais interessante para o nosso caso, e a que tem a particularidade de ser unilaterial, quando, em regra, cada uma das outras areas figura nos dois hemisphérios. E' a este ponto do cerebro, denominado centro de Broca, que vão ter as palavras pensadas, lidas ou ouvidas, quando destinadas á linguagem oral.

Recebidas pelos orgãos sensoriaes, as impressões externas são levadas ao interior do cerebro, por meio das fibras nervosas, percorrendo as areas respectivas e as correspondentes, donde passam para os centros motores, sempre que tenham de operar movimento das pernas, dos braços, faces, olhos, bocca, etc.

Supponhamos que uma professora de analphabetos pronuncie, em voz bem distincta, a palavra **ninho**, para ser ouvida por toda a classe. As vibrações dos sons emittidos impressionarão o ouvido de cada um dos alumnos e serão dahi transmittidas ao centro de audiçáo, onde se produzirá a imagem auditiva de **ninho**. E, como esta palavra é ja familiar ás crianças, a idéa que ella exprime não lhes exigirá trabalho mental, senão o da imaginação.

Supponhamos tambem que a professora escreve no quadro negro, em fórma bem distincta, a mesma palavra **ninho**, para a qual chama a attenção de toda a classe. A figura desenhada, recebida no globo ocular, será conduzida ao centro da visão, onde se imprimirá a imagem do vocabulo **ninho**, sem haver tambem aqui outro trabalho mental, além da imaginação, porque a idéa expressa por essa palavra ja faz parte da linguagem da criança.

Vamos suppôr que a professora escreve **ni**, **nho**, no quadro negro, e lembra ao mesmo tempo essa palavra aos alumnos, pronunciando-a distincta-

mente uma e mais vezes. A imagem do som e a da fórma de **ninho** vão se reproduzir, uma após outra ou conjunctamente, nas areas respectivas, associando-se e confirmando a mesma idéa, fixada assim com mais intensidade e precisão.

Entretanto, no ensino da leitura primaria, essas impressões de imagens não vão ficar retidas no cerebro, pois que têm de ser reproduzidas oralmente pela criança. E' o momento em que entra em funcção a area **motora da palavra**, destinada a pôr em movimento os musculos da voz articulada, que são, principalmente, os da larynge, da lingua e labios, na emissão das palavras. Então o alumno pronunciará **ninho**, imitando o que ouviu da professora.

Si a professora repetir a mesma experiencia, pronunciando e escrevendo, no quadro negro, outros vocabulos familiares aos alumnos, como sejam **barro**, **João**, etc., obterá em pouco tempo a leitura dos mesmos, pela curiosidade e pelo interesse que lhes desperta a figura escripta dessas palavras, que até então conheciam unicamente pelo som.

O diagramma seguinte elucidará o que ali vimos expondo.

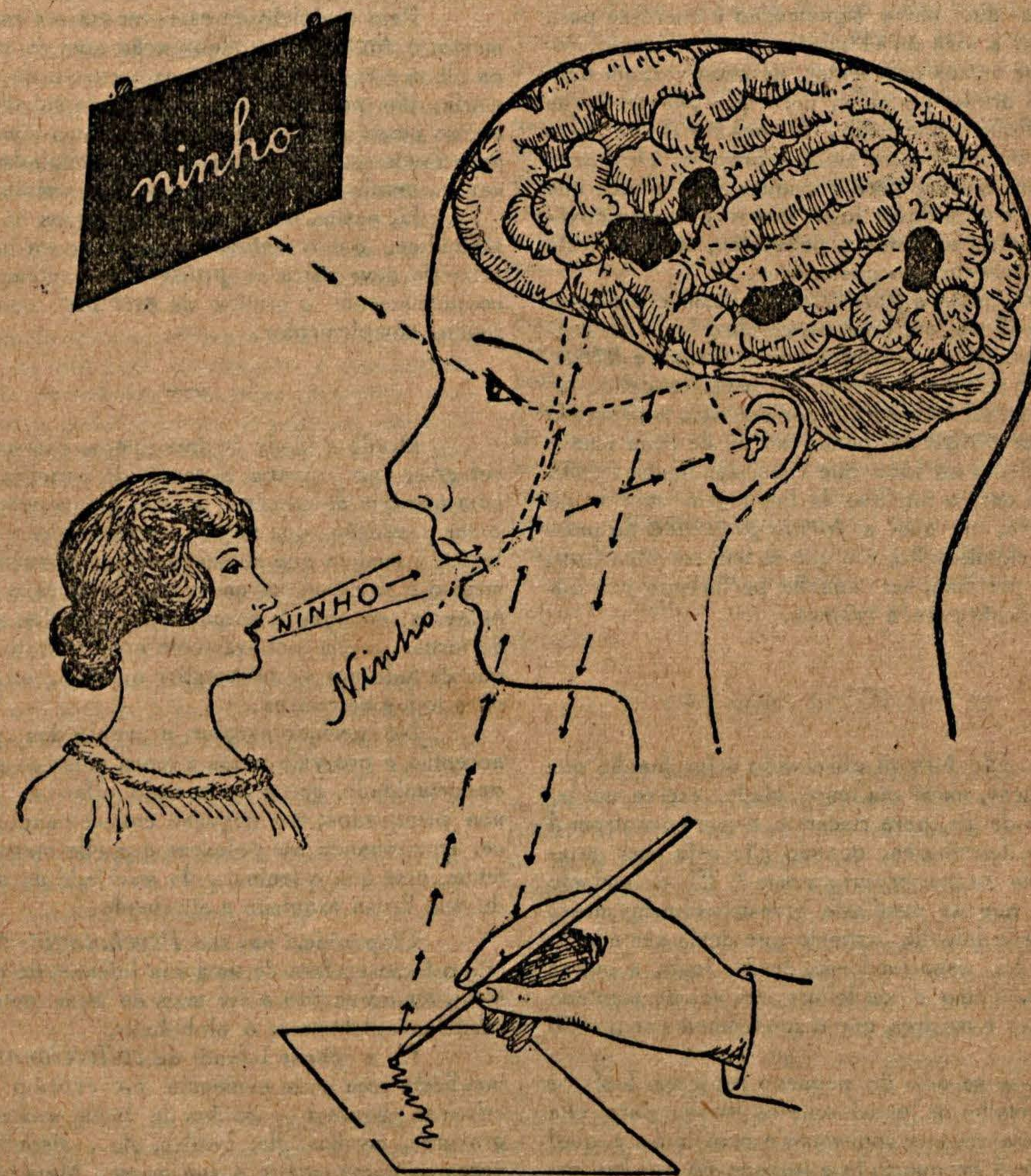


Diagramma mostrando o processo das impressões que a palavra produz no cerebro do aprendiz de leitura e de escripta — 1, área da audiçáo; 2, idem da visão; 3, idem da palavra. 3A idem da escripta. Note-se que estas duas ultimas são contiguas e que parte dellas os movimentos para a articulação verbal e para a mão que escreve.

Mas occorre logo a objecção de que, dada a ler uma serie de palavras, ao chegar á ultima, a criança terá esquecido as primeiras. E' natural, desde que pelas fibras nervosas do cerebro não tenham passado e repassado as impressões recebidas, de modo a tornal-as automaticas, habituaes, no trabalho cerebral.

Vem então a necessidade de que as palavras, uma vez lidas, voltem aos ouvidos e aos olhos da criança, repetindo-se as sensações anteriores, até que se faça minimo o esforço de verifical-as na sua forma escripta, isto é, que se reconheçam e se pronunciem por acto quasi inconsciente, reflexo. E' o *habito*, que se formará pela passagem, nos conductores nervosos, da corrente que as imagens das palavras ahí produziram sob as mesmas sensações, repetidas.

Este livro, *Primeira Leitura*, é o compendio organizado, a proposito e systematicamente para que as palavras, uma vez aprendidas no quadro negro, se reproduzam em pequenas sentenças, variando a sua applicação até que se fornem habituaes aos alumnos.

Os psychologos estão de accordo em que as crianças, reproduzindo o estado mental do homem primi-

fivo, sómente percebem as cousas que as rodeiam, pela visão do conjuncto, em globo, sem cogitarem dos detalhes, porque o que lhes importa é a forma geral, tendo em mira o interesse que o objecto em bloco possa trazer. Com as *palavras escriptas* esse facto deve ser mais evidente e manifesto, porque a criança, antes de vel-as, já as tinha ouvido, habitualmente, e pronunciado sempre *por inteiro*, de forma que esse conjuncto de sons, significando, em globo, uma determinada cousa, e nunca a letra ou syllaba, é o que se imprimiu no seu cerebro e tem de ser reproduzido pela articulação verbal.

A *palavra* somente é um corpo complexo para o grammatico ou para o philologo, os quaes a fraccionam em sons, representados pelas letras e grupos de letras, que são cousas convencionaes; para a criança a *palavra escripta* é a figura desenhada do objecto, pessoa ou cousa, cujo todo é o que a interessa na sua linguagem. Ella vê, por exemplo, na *palavra bola* uma cousa redonda que pode rolar, e em *João* uma pessoa do seu conhecimento, tendo essa *palavra*, quando escripta, as mesmas imagens dos grupos de sons que tem ouvido e articulado, e nada mais.

Será racional começar o ensino da leitura apresentando á criança *fracções* da *palavra*, sem forma de cousa alguma que tenha significação e interesse para ella? Para dar a idéa do elephante, que a criança nunca viu, não lhe vamos apresentar, de cada vez, um dente, a pata, as orelhas, a pelle, para que ella construa o animal e o fique conhecendo. Damos-lhe desde logo uma estampa ou lhe mostraremos o proprio elephante, cuja figura será sempre para a criança a do animal que lhe indicaram, em qualquer logar que a encontre novamente. Os dentes, as patas, a pelle, etc., serão objecto de exame e conhecimento posteriores.

Ainda quanto á *palavra*, nenhuma experiencia scientifica verificou, até hoje, no cerebro humano, centros de impressão e elaboração de *syllabas* e *letras*, cujos sons são apenas os elementos parciaes della.

Mais irracional será, por sua vez, o processo que ensine por *palavras*, pondo ao pé de cada uma a figura do objecto ou idéa que ellas signifiquem. Não se confunda o ensino intuitivo da linguagem com o da leitura primaria, na qual a *forma graphica* da *palavra*, e não a significação, é o que se tem em vista fixar, não devendo, por isso, ser aquella perturbada por outra mais atrahente para a criança.

Quem não terá já observado a fascinação que sobre as crianças, ainda em tenra idade, exerce um lapis ou pedaço de giz, para riscarem o que encontram á mão, ou para desenharem, quando não seja para garantir a copia do seu proprio nome? E' o instincto da expressão que se manifesta irresistivelmente nesse periodo da idade infantil, instincto que devia ser educado e cultivado, associando-se, desde logo, a outras aprendizagens, como a da leitura, em vez de sopitado por muitos paes e mestres, que o condemnam como vicio intoleravel.

Ponha-se na mão do pequeno leitor um lapis e dê-se-lhe um retalho de papel ou uma lousa, para elle copiar uma *palavra*, sua conhecida e predilecta, a qual a professora terá pronunciado e traçado no quadro negro em boa calligraphia, simples e legível. Ver-se-á a sofreguidão com que a criança se empenha no trabalho. Desoageitada a principio, com a mão e os dedos mal dispostos e em posição naturalmente defeituosa; mas a figura da *palavra* se esboçará logo na primeira tentativa, e na segunda e na terceira, já será uma copia mais ou

menos graphica do modelo offerecido. O aperfeiçoamento virá depois, e mais, si a professora tiver paciencia e a habilidade de guiar a classe nas posições correctas e no traçar das linhas, fazendo-se imitar ao escrever cada vocabulo no quadro negro. A importancia da escripta para o ensino da leitura se evidencia desde logo a quem attender no que se passa no cerebro da criança, quando se esforça por graphar a *palavra*, que vê escripta ou quer reproduzir de imaginação.

Observando ou evocando a figura que vai escrever, a imagem da *palavra* vem ter á área motora especial da *escripta*, que a transmite ao braço e á mão do pequeno escrevente, dando-lhe os movimentos necessarios. Este os executa, á medida que acompanha com o lapis, imitando os traços da *palavra*, que tem diante dos olhos ou lembra no momento. Resulta deste esforço que a observação da forma escripta é muito mais acurado, não escapando o menor detalhe das suas linhas, enquanto a acção muscular, produzindo os movimentos de pressão do lapis sobre o papel, reverterá em uma sensação de facto, que levará novamente ao cerebro a imagem da *palavra escripta*, com a forma que fôr traçada. E' o que tambem expomos no diagramma anterior.

Pelo exercicio de escrever entrará esse novo elemento, o *tacto*, em collaboração com o ouvido, com os olhos e com a bocca, para o ensino da leitura primaria, tão poderoso que é capaz de substituir aos tres outros nesse mysterio. São, pois, quatro vias que, associando-se, reforçando-se ou substituindo-se, vão levar ao cerebro a forma da *palavra escripta*.

E', assim, baseando-se em factos de experiencia scientifica, que o methodo natural do ensino da leitura primaria deve partir da *palavra*, na sentença, dando-se conjunctamente a pratica da *escripta*, como aprendizagem complementar.

Desde a idade de dois annos começa a desenvolver-se na criança o desejo de adquirir as *palavras* com que tem de construir a sua linguagem, desejo ou antes ambição que se vai tornando dia a dia mais intensa, á medida que augmenta a sua aquisição. Chega mesmo a se converter em paixão cega essa procura de *palavras* em que o pequeno se empenha, até ao ponto de tornar-se elle inconveniente no seu trato social, porque de tudo que vê quer saber o nome, e quer nomes para todas as cousas.

No periodo escolar, a mania das *palavras* se accentua e progride mais a mais, com os elementos e oportunidade que o novo meio offerece, na classe e nos brinquedos; e o pequeno colleccionador se abastece, armazenando até *palavras* que elle mesmo não entende, mas que o tentam pela novidade de seu som ou da sua forma exquisita e atrahente.

Claparède, na sua *Psychologie de l'Enfant*, cita o facto curioso de uma sua filhinha, de dois annos e meio, ter aprendido a ler mais de cem *palavras*, ignorando completamente o alfabeto.

E' a phase infantil de *colleccionar*, a qual se manifesta com tanta evidencia no carinho com que as crianças guardam — pontas de lapis, seixos, pequenas gravuras, cordeis, giz, botões, etc., disputando muitas vezes ao companheiro a sua posse. Mais tarde as colleções se especializam em caixas de phosphoros, insectos, chromos, postaes, sellos, quando já desponta o interesse da utilidade.

A psychologia infantil explica essa tendencia atrahente das crianças para as colleções como sendo a reprodução da actividade da caça, e conservação

dos viveres, o que era uma das principaes occupações do homem primitivo, observada ainda hoje no selvagem. Assim tambem são os jogos infantis interpretados pelos scientists como uma manifestação dessa mesma actividade, constituindo um instincto hereditario, pelo qual a criança se prepara physicamente para as differentes funções da vida de adulto, principalmente a do trabalho.

Colleccionar e brincar são, pois, exigencias naturaes, instinctivas, a que a criança não pode fugir nem nós podemos furtar-a. Cumpre, ao contrario, que as estinulemos por todos os meios, aproveitando as suas manifestações e associando-as aos nossos processos de educação, pois que a formula ideal na pedagogia moderna, para a escola primaria é — *trabalhar brincando e brincar trabalhando*, attendendo a que qualquer dessas duas actividades não poderá ser praticada independente da outra, sem prigo para a criança.

E' no primeiro anno da idade escolar, quando mais intensas se manifestam as tendencias para o *brinquedo* e para a *collecção*, que teremos de applical-as na instrução da criança. A leitura e a escripta são as disciplinas que vantajosamente se prestam a essa pratica.

Quando já familiarizadas com os objectos do brinquedo, as crianças não se contentam com a sua forma externa — desmontam as locomotivas, furam os tambores, desvisceram as bonecas, esquartejam os polichinellos, levadas pelo interesse e curiosidade de saberem o que lá dentro se contém. O mesmo interesse e curiosidade hão de manifestar em ver desarticuladas as *palavras*, que já ouviram, pronunciaram, leram e escreveram, mas que sómente conhecem em globo, como um todo inteiro, fazendo parte da sentença.

Demos então aos alumnos essas *palavras*, para que as desarticulem nos seus sons elementares, e lhes despertemos o interesse de poderem, com esses elementos, construir, ler e escrever *palavras* novas. O pequeno colleccionador de *palavras* terá aqui um campo vasto para exercitar a sua paixão, pondo em contribuição os tres pendores naturaes, a competir, brincando com os seus companheiros de classe. As aquisições serão agora producto do seu proprio esforço, cabedal preciosissimo que elle observa, assimila e usa, tornando-se dia a dia mais familiarizado com os vocabulos novos que vai obtendo e com os elementos da sua construção.

Nesse exercicio de ler as proprias *palavras* que constroem, o alumno distingue-as á simples vista, escriptas ou impressas, isoladas e na phrase, e a leitura das mesmas tende a tornar-se mais solida, á medida que passa de consciente a inconsciente o acto da verificação da sua forma no corpo da sentença.

Resta agora que apparelhemos a classe para a leitura corrente e expressiva dos annos escolares seguintes, em historietas de assumpto atrahente, as quaes lhe daremos a ler em caracteres impressos, que irão progressivamente diminuindo até o typo commum, quando já possam os alumnos enfrentar as grandes peças de leitura das classes adeantadas.

Da exposição que acabamos de fazer, seremos levados a concluir que o methodo analytico do ensino da leitura pela *palavra* em conjuncto com o da *escripta*, pelos elementos da organização pedagogica que offerece e pelo seu modo de execução, é natural, racional e simples, e o mais effizaz e conveniente:

a) para alphabetos de todas as idades, pois que aos menores este ensino da leitura desperta e põe em contribuição o instincto infantil, creando na escola um ambi-

ente, que é o proprio meio da criança; e aos adultos, como aos primeiros, faz ler e escrever, desde logo, *palavras*, phrases e sentenças, sem a perda de tempo, que lhes é precioso, em aprenderem primeiramente a leitura para terem a escripta somente depois;

b) para as grandes classes das escolas publicas, nas quaes se agglomeram crianças de proveniencia e condições differentes, apresentando promiscuamente os tres typos mentaes, *auditivo, visual e motor*, que exigem um processo de ensino apropriado a cada um, cousa impraticavel na nossa actual organização escolar. Dahi o serem mal classificados nas classes e julgados menos intelligentes os alumnos cuja faculdade mental predominante não tenha sido observada, utilizada e convenientemente exercitada;

c) para as crianças *anormaes*, porque as deficiencias mentaes que apresentem para a leitura, serão compensadas pela utilização dos orgãos saos, os quaes este processo de ensino associa e desenvolve, attendendo assim á função dos que se prejudicaram;

d) como preparo primario do ensino da *Lingua Patria*, porque pela pratica diaria de escreverem todos os vocabulos da leitura, por copia e dictado, os alumnos aprendem empiricamente a sua orthographia correctá, a qual usarão mais tarde nos seus exercicios de composição, sem a desvantagem commum de irem primeiramente escrever com erros, para os corrigirem depois nas classes de linguagem, o que representa a antecipação e a economia de um anno de trabalho escolar. E' a *orthographia natural*, que Binet admira e pensa ser adquirida somente pelo habito de ver, assignalando a experiencia feita por Bilot, na qual os alumnos que se tinham preparado ouvindo as lições theoricas do mestre, commetteram mais erros de orthographia do que os que a aprenderam na pratica da leitura, exclusivamente.

e) Teremos, finalmente, de afirmar que nenhum outro methodo de leitura primaria se presta, com mais vantagens, a ministrar o ensino simultaneo, colectivo, porque o preparo das lições no quadro negro e a sua pratica no livro se effectuem com a collaboração activa, constante, de todos os alumnos, por mais numerosas que sejam as classes. A leitura é *expressiva* desde logo e *uniforme* para todos os alumnos, o que não se obtem com os methodos artificiaes, mnemonicos, baseados nos sons das letras, os quaes, além de serem de applicação individual, produzem não raramente leitores claudicantes e gagos, em vez de correntes e precisos, como se faz mysterio na pratica da leitura.

OPINIÕES SCIENTIFICAS

Aqui inserimos em seguida a opinião que sobre o ensino da leitura primaria, pelo methodo moderno da *palavra*, oral e escripta, têm externado os scientists de maior auctoridade actual em materia de psychologia infantil, applicada á pedagogia moderna:

William James, notavel philosopho americano, que tem revolucionado a sciencia com as suas novas idéas em psychologia, a proposito da educação da memoria, diz na sua grande obra *Principles of Psychology*: — «O methodo moderno de ensinar crianças a ler por meio do quadro negro, transmittindo a impressão de cada *palavra* pelo canal quadruplo dos olhos, do ouvido, da voz e da mão, é um exemplo de methodo mechanico aperfeiçoado de melhoramento da memoria».

Alfred Binet, director do laboratorio na Sorbonna, é o psychologo a quem se devem as experiencias de melhor resultado pratico sobre a mentalidade das crianças, e as suas affirmações constituem leis hoje observadas, sem contestação, pela maioria dos pedagogistas e por todos quantos se occupam moderna-

mente da educação infantil. No seu admirável livro — *«Les idées modernes sur les enfants»*, o eminente professor, tratando da cultura da memória, conclue das suas observações sobre a vantagem do emprego de mais de uma sensação para favorecer-a, com as seguintes palavras: — *«Por conseguinte, evitaremos estudal-o (um trecho poetico) unicamente com os olhos; pronuncial-o-emos collocando-no em um meio silencioso, para que tenhamos a impressão unicamente da nossa propria voz e não estejamos tomados de medo ou falso pudor de o proferir. E até, para augmentar o numero de impressões, esereveremos de memoria o trecho ou o copiaremos. Desta maneira elle penetrará em nós por quatro vias ao mesmo tempo: a vista, o ouvido, a voz, a mão. E' com este conjuncto que se ensinam as crianças a ler, e o methodo é excellente.»*

O professor **Catell** fez experiencias muito interessantes entre o tempo que se leva em distinguir uma palavra num trecho e uma letra dentro da palavra, concluindo que, por ser nulla a differença, — *nós, no correr da leitura, não temos tempo de destacar as letras de que se compõem as palavras, mas sim somente podemos distinguir cada palavra como um todo no trecho lido.»*

Esta experiencia do illustre professor americano confirma outra observação de Binet, quanto á leitura corrente, na qual verificou que o leitor articula uma palavra enquanto se opera a percepção da seguinte, executando os dois actos simultaneamente, por habito e com o minimo de attenção.

Seria isso impraticavel se tivessemos de discernir letras ou syllabas de cada vocabulo, durante a leitura.

Emile Javal, no seu importante trabalho *Physiologie de la Lecture et de l'Écriture*, cita as experiencias, do professor M. Lamare, nos laboratorios de Sorbonna, pelas quaes ficou evidentemente demonstrado que o movimento dos olhos durante a leitura não é continuo, mas sim que se faz em paradas bruscas, *par saccades*. O leitor divide cada linha impressa em um certo numero de secções, na média de dez letras, as quaes são percebidas somente em quanto se dá o ritmo de repouso, não se exercitando a visão durante a passagem dos olhos de uma para a outra secção.

Ed. Claparède é o auctor da *Psychologie de l'Enfant et Pedagogie experimentale* e de outros muitos livros e publicações sobre a educação, e professor dessas materias na Universidade de Genebra.

A sua auctoridade no assumpto é uma das mais respeitadas, pela competência que revela em todos os seus trabalhos dessa especialidade.

A proposito da percepção global que as crianças têm das couzas que observam, o eminente professor se refere, nos seguintes termos ao ensino moderno da

leitura: — *«Para a criança a palavra, ou mesmo a phrase, fórma um desenho, cuja physionomia geral a captiva muito mais do que o das letras isoladas, as quaes ella não distingue no conjuncto; por isso ha sempre vantagem em ensinar a ler as erianças por palavras, em vez de começar por letras separadas. Com as crianças retardadas ou de mentalidade debil, este systema dá resultados surprehendentes e permite que sintam prazer na leitura os alumnos mais rebeldes. Eu tive a occasião de verificar, por mim proprio, a facilidade com que uma criança anormal chega a escrever correctamente por dictado palavras inteiras como nid, sapin, etc: das quaes elle não conhece uma só das letras, isoladamente.»*

Ruy Barbosa, que traduziu, commentando e adaptando ao nosso ensino primario a obra prima *Licções de Coisas*, de Calkins, no seu capitulo sobre a leitura elementar, faz as seguintes referencias ao *methodo verbal*, (word method) condemnando os demais: — *«O meio natural de ensinar as crianças uma lingua é começar pela unidade da linguagem, que são as palavras. A linguagem depende do pensamento, as palavras são symbolos de idéas. Nem as letras são elementos da FORMA das palavras, os sons simples, elementos do SOM harmonico das palavras; mas nenhum desses elementos constitue unidade da linguagem. O verdadeiro ponto de partida, no ensino da leitura, está em tomar a idéa com o seu signal com UM TODO.»*

«Muito mais efficacia encerra este methodo no ensino da leitura, do que a pratica usual de fazer atravessar ao alumno um fatigante processo synthetico, que é de todo o ponto incomprehensivel.»

Medrando de dia em dia no conhecimento das coisas e na aptidão de conhecê-las, a mente da criança não se satisfará por muito tempo com a FIGURA geral das palavras, em que se expressam, na escripta, os nomes dos objectos de sua predilecção, e entrará a sentir necessidade de discernir as letras.»

Esse espontaneo pendor de investigar determina o momento em que deve ter principio o ensino dos sons elementares e suas combinações.»

Quanto ao valor das letras, esse toca a processos mais complicados, que dizem melhor a um estudo de cultura mental, ao existente, no passo inicial da leitura.»

Espanta a rapidez com que aprendem as crianças, se o ensino começa fazendo-as reconhecer as simples FORMA das palavras; e não é menos maravilhosa a facilidade e perfeição que, mais tarde, desenvolvem no soletrar.»

J. N.

III — LICÇÕES E EXERCÍCIOS

Educação do homem e do cidadão

Ha muito que reclama a attenção dos professores o ensino desta disciplina. São frequentes as consultas que recebemos: — Como devo ensinar tal ponto? — Onde se encontra isto? — Qual o livro que devo escolher para me orientar?

Estas perguntas revelam *grosso modo* a desorientação que lavra nas escolas no tocante á formação civica dos alumnos, e vamos procurar, em orientações geraes, supprir a deficiencia de que se queixam em geral as distinctas mestras, não só das escolas do Districto Federal mas de todo o paiz, no que se refere a tão importante assumpto.

Observarei em primeiro logar que a instrução civica é parte da educação moral. Comprende a moral pratica varios capitulos, taes como a moral individual, a moral domestica e a moral civica, segundo consideramos os deveres do homem para consigo mesmo, para com a familia ou para com a patria. E' evidente que esses capitulos de moral pratica não são inteiramente separados e independentes. Não ha, separadamente, o homem isolado, o membro de uma familia, o membro de uma sociedade-nação, o membro da humanidade. Cada um está ao mesmo tempo sujeito a deveres para consigo mesmo, para com os demais membros da familia, para com os demais membros da nação, para com o proximo em geral.

Ninguém pode ser um bom cidadão, isto é, membro de uma nação, sem que seja um bom individuo.

Numerosos são os deveres individuaes. Minimos, á primeira vista, assumem entretanto enorme importancia na vida dos homens.

Os primeiros deveres individuaes são os que constituem a «formação externa», isto é, os deveres de asseio e hygiene, de porte e postura, de solidez.

Desejo demorar-me um pouco a estudar estes deveres elementares, mas quero antes de tudo fazer notar a importancia d'elles. Anda em geral muito mal cotada entre professores que tem a seu cargo a formação mental dos alumnos a obrlgção, que é inilludivel, de dedicar tempo a essa formação externa dos meninos das escolas. Parece a muitos tarefa subalterna, mais domestica do que propriamente escolar. Grande, porém, o erro. Eu desejaria que as escolas de minha terra, principalmente as escolas primarias, leigas, da Republica, tomassem a peito dotar os discipulos com esses «bons modos», essa «educação externa», essa «polidez», ou que melhor nome tenha, que todos desejamos vêr não só nas crianças mas tambem nos que o foram ha muito.

Revela-nos a vida quotidiana que é entre nós muito maior o numero de pessoas mal educadas, sem polidez, do que o de pessoas finas, polidas, cortezes, treinadas na vida de sociedade. E isto só pode provir da escola primaria.

Os que me conhecem bem sabem que tenho afervorado o culto do professor primario. Não o pode haver, pois, offensa nestas palavras.

Sei que muitas vezes se esquivam os professores de entrar nesta seára, achando que é do dominio exclusivo da familia. A estes eu lembraria que a escola publica é principalmente destinada a supprir a defficiencia da familia, nem sempre apta a arcar com as grandes responsabilidades da educação da prole.

Animo-me a escrever estas palavras quem os meus dignos companheiros saber porque? Porque tenho ouvido muitas e muitas vezes dizer, e a pessoas de responsabilidade:

— F. acabou o curso da escola primaria. Agora vae passar dois annos em Sion para ter um certo traquejo de sociedade, para adquirir maneiras distinctas e disciplina social...

Mas que segredo será esse de Sion, do Sacré Cœur, ou dos demais collegios de congregações? A verdade é que as familias sentem a falta de um espirito mais educador, mais «polidor» na escola publica, e devemos ir ao encontro d'essa necessidade. Não admittamos nem um instante que por serem estrangeiras essas casas tenham moralidade superior, capacidade mais vasta do que as nossas modestas officinas nacionaes de educação, as nossas amadas escolas primarias.

Precisamos, é certo, podar muito os programmas, para que o excesso de «sciencia» exigida não entrave a «educação» das crianças, que é o verdadeiro objectivo da escola, mas isto é assumpto da alçada das autoridades, que, estou certo, não se descurarão. Da alçada dos professores é, porém, esforçarem-se cada vez mais, insistindo nos principios elementares da moral pratica, instituindo normas, corrigindo habitos, para que a escola publica brasileira seja, como ha de ser, um verdadeiro padrão.

Othello Reis

HISTORIA DO BRASIL

Antes de apresentarmos algumas indicações para o estudo da Historia do Brasil, seja-nos permittido estabelecer preliminarmente preceitos indispensaveis ao ensino dessa disciplina, das mais importantes dos programmas de instrução primaria, ensino infelizmente reduzido, quasi geralmente entre nós, a simples decorações de compendios e apostillas.

Convém que o menino estude Historia não para se tornar illustrado, mas para haurir as lições de saber e de experiencia que emanam dessa fonte farta em ensinamentos de toda a ordem.

Para bem ensinar a Historia do Brasil mister se faz que cada professor, exaltado por ardente patriotismo, se sinta capaz de fazer comprehender ás crianças a grandeza e a importancia dos factos que tão rapidamente determinaram a nossa evolução e constituição em nação civilizada, com quatro seculos de existencia apenas; de lhes transmittir o sentimento de entusiasmo e gratidão pelos homens que cooperaram em tão gigantesca obra; e, sobretudo, de lhes incutir na alma um amor intenso pelo que é nosso, afim

União Manufactora de Roupas

Proprietaria das maiores fabricas de roupas brancas da America do Sul

(Sociedade Anonyma)

CAPITAL INTEGRALIZADO 1.500.000\$000

FABRICAS:

RUA HADDOCK LOBO, 406, 408, 410 e 412 — RUA GONÇALVES CRESPO, 43 e 45
RUA DR. CAMPOS SALLES, 134 — RUA DR. ARISTIDES LOBO, 94 e 96

Escriptorio e Departamento de Vendas Geraes = RUA GENERAL CAMARA, 89

de que, fortalecidos na esperança, se encoragem para lutar por ideaes nobres e puros e se disponham a trabalhar sem egoismos em beneficio da Patria, para a felicidade propria, a dos seus contemporaneos e das gerações futuras.

É pela imitação que a criança aprende, forma o seu character, o seu modo de ser. Ella imita a mãe, a ama, os companheiros, os mestres. Imitará também os heróes, os santos, si os tiver diante dos olhos. Por isso tão beneficos resultados produzem na mocidade as leituras boas, as biographias dos grandes homens.

Na Historia vae o infante encontrar os mais puros exemplos de patriotismo, abnegação, nobreza de character, amor e respeito aos mais são principios de justiça e caridade. É ahí também que se lhe apresentam os defeitos oppostos a essas virtudes.

Despertado o interesse da criança para o conhecimento dos factos historicos e principalmente para a vida dos personagens que nelles tomaram parte activa, apreciadas com inteira imparcialidade as qualidades e defeitos desses homens, fornecerá o professor preciosos elementos para desenvolver a observação e o raciocínio dos alumnos, preparando-os para o julgamento dos individuos e das cousas, fazendo-os capazes de escolher uma directriz para a conducta posterior de cidadãos uteis á terra que lhes serviu de berço.

Limitada como é a nossa Historia ao periodo que decorre de 1500 aos nossos dias, pode a sua aprendizagem se tornar interessantissima, satisfazendo-se a curiosidade infantil com observações opportunas sobre agricultura e commercio, usos e costumes do povo, noções de sciencias naturaes, de geographia e instrucção civica sobretudo, além de anedoctas e informações varias sobre religião, literatura, musica, etc.

Desse modo o ensino de Historia attingirá á sua finalidade, formando como convém os jovens brasileiros: patriotas, independentes, trabalhadores, valentes e abnegados até ao sacrificio pelas causas nobres e justas.

Na realização desse bello sonho patriotico empregue cada mestre brasileiro o seu maior empenho, offereça ás crianças o exemplo de grande patriotismo, de entusiasmo, e de inteira confiança nos destinos da nossa Terra, esforce-se por lavar a alma nacional desse pessimismo que a domina, evitando que contamine os nossos filhos essa perfida chaga moral, peor que a verminose porque desta o organismo se cura ao passo que o espirito nunca se liberta completamente das impressões fortes recebidas na infancia.

M. A.

Rio, 16-2-923.

GEOGRAPHIA

Orientação geral

Antes que, publicados os novos programmas do ensino para as escolas do Districto Federal, programmas que segundo consta já se acham

elaborados, e que nestas paginas procuraremos seguir, embora não exclusivamente, possamos iniciar o estudo systematico dos mesmos, dando a orientação sobre os diversos pontos, vamos expender algumas considerações geraes sobre o ensino desta disciplina, assumpto que tem sido desde longos annos objecto de nossa attenção mais desvelada, e onde cremos ter realizado algumas observações não destituídas de valor.

Queremos em primeiro logar oppôr um dique a certas affirmações um tanto ousadas, que andam na bocca de gente pouco affeita ao estudo, mas facil de crear theorias. Ouvimos frequentemente propalar que a geographia de hoje é outra, que os methodos são novos, diversas as noções a ministrar. Ha nisto, como em tudo, algo de verdade e muito de fantasia.

Os chamados "methodos novos" já não são nada novos. Muitos e muitos dos professores a quem hoje branquejam os cabellos já com esses methodos se adextraram. Em todas as épocas ha sempre um grupo grande de ronceiros, de "carranças" e um escol que se serve de meios mais adeantados. Admittamos, porém, que sejam "novos".

Mas podemos assegurar que de taes methodos novos não têm idéa os leigos que com elles encham a bocca, e que os preconizam, e que lançam censuras e anathemas a torto e a direito.

De quanto observámos, temos concluido que para essa multidão de leigos improvisados em mentores e criticos em poucas palavras poderíamos definir o que seja um methodo novo, aperfeiçoado, moderno, adeantado, americano, em geographia: é o methodo em que se ensina sem decorar. Sem decoração, memorização, papagueação! Com estas palavras se encham artigos e livros e se fabricam auréolas.

Mas será possivel banir a memoria, deixar de exigir decorada a materia que se ensina? Absurdo. Ensinamos para que os alumnos saibam, retenham, tenham de memoria. E para isso é necessario treinar incessantemente a memoria.

Ninguém espere que só com bellas prelecções e narrativas de viagem guardem os discipulos senão vagas e insufficientes reminiscencias.

Os decantados "methodos novos", saibam taes criticos de geração espontanea, não dispensam a decoração.

Ha boa porção da geographia em que é ao raciocínio que fala o mestre, mas na maior parte do curso é á memoria que havemos recurso.

A questão é do como havemos de fazer decorar. Ahí é que se praticam, na verdade, methodos novos. A méta do curso de geographia, que é ministrar ao discipulo certos conhecimentos indispensaveis sobre o globo, suas relações com os outros corpos do Universo, sobre a terra que habitamos e sobre as terras alheias, é alcançada por meio de exercicios systematicos de... (não tenhamos pudor da palavra) decoração.

O alumno decóra hoje, ou deve decorar, quasi o mesmo que outróra decorava (umas coisas a menos e outras a mais). Deve decorá-lo, porém por processos mais humanos, mais modernos, mais scientificos. Mas é preciso decorar. Para decorar sem grande esforço temos á mão todos os recursos de uma pedagogia mais adeantada,

servida por industria aperfeiçoadissima. Temos appparelhos para explicação do Universo em geral; globos celestes e terrestres; mappas do globo e mappas do céu; bussolas, sextantes, theodolitos e telescopios; cartas falantes e cartas mudas; desenho em papel ou em tela ardosiada; lanternas de projecção e cinematographos. Mas não esqueçamos que tudo são meios que ajudam... a decorar.

— Mas quem não sabe d'isso? estarão a perguntar muitos dos leitores. — É chover no molhado...

Mas não! Temos tido muitas e muitas vezes oportunidade de verificar que o que entendem os leigos por "ensino moderno da geographia" é nada mais nada menos do que aquillo a que os estudantes dão o pittoresco nome de "uma canja". O professor conversa, os alumnos não aprendem, o examinador conversa, os alumnos passam. D'ahí vem que alumnos e paes de alumnos consideram a geographia (ó manes de Ratzel, de Peschel, de Guyot!) materia "sem importancia".

Vimos cidadãos que, erguidos á nobre profissão do magisterio quando aspiravam apenas dos governos "uma collocação", não trepidaram em adoptar essas opiniões ultra-modernistas, abastardando como os que não tinham responsabilidades a noção dos methodos novos. Fomos testemunhas dessa tristeza e temos visto os lamentaveis resultados que d'ahí provieram. Si interrogardes a mocidade de hoje, raramente encontrareis quem saiba geographia; si interro-

gardes os homens de cinquenta annos ou mais, que tenham feito a seu tempo regulares estudos de humanidades, pasmareis de vêr que ainda muito vos podem informar. Provariam melhor os methodos antigos, obsoletos, ou, conforme pensamos, está a actual geração victima d'aquelles que por ignorancia ou por desleixo, a pretexto de novos methodos os deixaram na escuridão?

Precisamos reagir, e a reacção deve começar na escola primaria, onde o mal ainda é menor. Os que estamos acostumados a examinar, os estudantes do ensino secundario, vemos sempre que em geral os melhores alumnos são os que vieram de nossas escolas publicas e de alguns (muito poucos) estabelecimentos particulares de ensino primario. A maioria dos alumnos estão convencidos de que o exame de geographia é apenas formalidade, e que cousa alguma precisam guardar desse estudo.

Não haverá desculpa para os professores que sob a bandeira de "methodos novos" deixarem de fornecer aos discipulos o conjunto d'aquellas informações sobre o mundo, que o mundo tem o direito de d'elles exigir. Tão culpados serão como os que pretenderem continuar hoje os processos da rotina, em que se abusava das faculdades psychicas do alumno estafando-o com trabalho superior ás suas forças. Essa rotina existia outróra e existe também hoje, si não em geographia, em outras disciplinas, consideradas como pesadas ou difficeis.

Othello Reis

LINGUA MATERNA

A escola deve dar ao alumno o vocabulario concreto e abstracto necessario á manifestação do pensamento em linguagem precisa e habitual-o á correção do fallar, de tal forma que elle se exprima claramente, sem difficuldades e sem as impurezas que ferem o ouvido e adulteram a lingua.

Para alcançar esse objectivo é indispensavel que o professor exerça uma vigilancia permanente sobre seus alumnos, exigindo sempre uma linguagem correcta nos exercicios oraes e escriptos de todas as disciplinas, nas perguntas que lhe dirigem, nas conversas que entretêm, na classe como no recreio.

Conseguirá assim formar, e muito mais depressa do que pode parecer, o ambiente favoravel a que se refere o illustre Prof. Hemeterio dos Santos em seu artigo hoje publicado nesta revista, ambiente esse que por si só ha de exercer benefica e poderosa influencia na formação intellectual do alumno.

Os exercicios de linguagem devem ser de pratica diaria na escola e, para leval-os a bom termo, não vemos melhor processo que o aconselhado por Poitrial

em sua excellente obra «Le Français à l'école primaire»:

O alumno, ao matricular-se, traz o vocabulario adquirido em casa, quasi sempre prejudicado por uma pronuncia defeituosa, com palavras alteradas e construcções viciosas.

Obrigando-o a fallar, a principio fazendo-o repetir os nomes dos objectos que se acham na classe, os das partes do corpo, os do vestuario, depois os das cousas que se encontram nas varias dependencias da escola, no museu escolar, na rua, utilizando-se em seguida de imagens, o professor dará ao alumno não só um vocabulario abundante como também lhe inculirá uma noção exacta do substantivo, sem recorrer a nenhuma regra grammatical.

Da mesma forma, como dos objectos conhecidos passou o alumno directamente para os nomes que os designam, elle irá das qualidades desses objectos para os adjectivos que as indicam.

Mostrando-lhe as cores principaes, branco, preto, vermelho, etc., o professor fará o alumno reconhecê-las em car-

tões coloridos, bem como os adjectivos que indicam as formas dos objectos, redondo, quadrado, etc.

A aproximação e a comparação dos objectos fornecerá ensejo ao ensino das qualidades relativas, livro *grande*, livro *pequeno*, regua *curta*, regua *comprida*, etc.

Feitos, em poucas licções, taes exercicios, passará o alumno a construir pequenas phrases, traduzindo factos concretos.

A noção do verbo será dada pela enunciação de acções dos proprios alumnos: F. mostra a mão direita, F. levanta o braço esquerdo, F. abre seu livro, etc.

O emprego desse processo, baseado na admiravel memoria verbal da creança, exige uma previa preparação das licções que não devem, como á primeira vista poderia parecer, ser dadas ao sabor da inspiração do momento. O professor precisa ter a preocupação de ministrar cada dia noções novas, fazendo com que seus alumnos associem os gestos e o exercicio dos sentidos á linguagem. As licções despertam grande interesse e animação na classe e os alumnos facilmente vencem a timidez que os embaraça no inicio da vida escolar.

Evite o mestre fallar muito e, principalmente, só deixar ao alumno palavras ou phrases a terminar, em vez de o fazer repetir ou construir toda a phrase.

— A leitura constitue um meio excellente, sobretudo nas classes mais adelantadas, de aperfeiçoar a linguagem dos alumnos, que nella aprenderão palavras, phrases, construcções, imagens, que facilmente se incorporam ás noções já adquiridas.

A reproducção do texto lido, explicado e relido, exige do alumno um esforço proveitoso, obrigando-o a supprir com seus proprios recursos a deficiência da memoria verbal e forçando-o a reter as ideas, o pensamento do autor.

Sem se preocupar com a repetição de palavras do texto lido, o professor terá o cuidado de evitar a reproducção textual do trecho pela distribuição intelligente do texto a reproduzir, não devendo tocar a cada alumno nem uma parte demasiado longa, que lhe difficulte a reproducção, nem tão curta que lhe permita a recordação dos proprios termos empregados.

A creança, em geral, lê superficialmente e interpreta mal.

Submettida a esses exercicios, aprende a ler mais lenta e attentamente, com proveito e com prazer.

— No ensino da lingua materna o dictado constitue um excellente processo de disciplina do espirito, porque exige uma attenção vigilante, rapidez de comprehensão e de raciocinio, prompta applicação de regras grammaticaes.

O texto dictado deve ser primeiramente lido, bem comprehendido do alumno e não conterà uma só palavra cujo sentido ou cuja orthographia elle desconheça. Toda palavra nova ou pouco conhecida será explicada, escripta no quadro negro logo após a leitura e apagada antes de iniciar-se o dictado.

O mais meticuloso cuidado deve ser exigido na correcção dos dictados.

De quando em vez pode confiar-se aos alumnos, quando o trecho dictado é extrahido do livro de leitura da classe, a correcção nos proprios cadernos ou nos dos collegas, limitando-se a correcção, neste ultimo caso, a sublinhar as faltas, deixando ao autor o cuidado de as rectificar.

Não recommendamos a copia do dictado após a correcção; é um exercicio inutil e fastidioso. O mesmo não acontece em relação ás palavras mal escriptas: uma vez emendadas devem ser copiadas e revistas pelo professor.

Durante o dictado convem que o mestre acompanhe o trabalho dos alumnos, suggerindo aqui uma rectificação, mantendo vigilante a attenção de todos, impedindo os erros que puder descobrir no momento, sempre investigando a causa de taes erros para afastal-as por meio de uma explicação apropriada.

— A composição é, dentre todos os exercicios escolares, o que mais preoccupa e desanima os professores pelos insuccessos que colhem, máo grado os mais dedicados esforços.

A causa de taes insuccessos reside ordinariamente na deficiência dos exercicios anteriores, preparatorios da composição.

Os exercicios de linguagem sob a forma de conversas familiares que exercitam a intelligencia e ensinam a construcção de phrases, as explicações e definições das palavras, a reproducção oral dos trechos lidos, a leitura explicada, a

recitação dos trechos escolhidos, são os meios que habituam o alumno a observar e a reflectir, a approximar e a ligar idéas, a ordenal-as e a exprimir-as.

Bem exercitados em taes trabalhos, os alumnos farão com relativa facilidade suas composições, e encontrarão prazer nesse exercicio, de ordinario tão fastidioso, si lhes apresentarem um assumpto capaz de os interessar.

Deixe o professor ao alumno o prazer de descobrir os aspectos do assumpto que vae desenvolver e seus detalhes, limitando-se a auxiliá-los e tenha o maior cuidado de evitar, na correcção, inuteis rigores, que desanimam, e de reconhecer e assignalar os esforços felizes.

No curso elementar a composição tem de se limitar, evidentemente, á reproducção de phrases explicadas e á composição de pequenas phrases com elementos dados.

Nessa classe não se pode ir alem de um exercicio de memoria, muito util porque associa a escripta e a lembrança visual ao pensamento.

A procura da palavra essencial de uma explicação referente a objectos conhecidos ou a ideas familiares, a dos adjectivos que convenham aos substantivos de uma phrase dada, a do sujeito, do verbo ou dos complementos de phrases iniciadas, offerecem um vasto campo a exercicios variados e de grande utilidade.

Somente no fim do anno escolar será possivel obter o desenvolvimento de pequenos assumptos — descripções de animaes conhecidos, descripções ou narrações de gravuras apresentadas, etc.

O ensino da composição pode ser dado com regular desenvolvimento desde o curso medio, quando o alumno já tem uma boa somma de conhecimentos, está habituado á observação e á reflexão e não é embaraçado pelas exigencias da orthographia.

A descripção, a narração, a carta, a dissertação, todas as formas de composição, enfim, já são adaptaveis aos alumnos desse classe.

A descripção, mais simples que a narração porque esta deve apresentar os factos se desenrolando á vista do leitor, terá um logar preponderante nos exercicios escolares.

A escolha dos assumptos, sempre de observação directa do alumno, versando sobre cousas conhecidas e a organização de um plano em que as idéas se succedam bem ordenadas, formando uma cadeia continua, é indispensavel ao bom exito da descripção.

Esse plano deve ser preparado, sob a orientação do professor, pelos proprios alumnos, que lembrarão as idéas, os detalhes de que deverão tratar e os classificarão.

Depois de uma certa pratica, cada alumno poderá organizar o plano de seu trabalho, abolindo-se a preparação collectiva.

Para facilitar a escolha das idéas convem que os alumnos tenham sempre em vista o seguinte quadro, de Guéchet, excellente guia para a recordação dos detalhes a tratar:

Observações pela vista	}	Luz
		Cores e tons
		Forma e tamanho
		Distancia e posição
Observações pelo ouvido	}	Movimentos voluntarios e suas causas
		Movimentos determinados por leis naturaes
Observações pelo paladar		Sons e ruidos
Observações pelo olfacto		Sabores
Observações pelo tacto	}	Odores
		Temperatura
		Resistencia, consistencia, elasticidade, peso

— O estudo da lingua materna deve apoiar-se sobre todas as noções adquiridas nas demais disciplinas do curso escolar, que, todas, fornecem ideas novas ao espirito e enriquecem a memoria verbal de novas palavras.

O professor intelligente tem, pois, diz F. Brunst, na licção de lingua materna, uma excellente oportunidade de fortalecer noções adquiridas em todo o ensino fundamental e abrir o espirito da creança ao conhecimento de ideas novas. A tendencia, por exemplo, dos nomes que indicam as profissões liberaes em adoptar uma forma feminina, como desde muito acontece com as profissões materiaes, está indicando que novos horizontes se abrem neste seculo para o trabalho feminino.

Ensinar o emprego de certas formas imperativas : *queira fazer, faça-me o favor de*, ou a attenuar uma affirmação pouco lisonjeira : *o Sr. terá ouvido mal, porém eu não disse isso*, é ensinar também attitudes respeitadas e formulas de polidez.

Todas as disciplinas encontram no ensino da lingua um auxilio inestimavel. A arithmetica e a historia, a geographia e as sciencias physicas e naturaes, ao mesmo tempo que enriquecem o vocabulario e a intelligencia da creança com palavras e ideas novas, tornando mais abundante a materia prima de que se fazem os exercicios de linguagem, podem e devem receber o benefico influxo de uma intelligente orientação no ensino da lingua materna.

Sem se desviar de seu fim essencial e sem prejudicar o ensino da linguagem pela preocupação de ministrar conhecimentos de outras materias, deve o professor tirar todo o proveito da intima ligação que existe entre o estudo dessa e das demais disciplinas.

L. C. S.

ENSINO SCIENTIFICO

Arithmetica

CURSO ELEMENTAR

3º anno

Medida das grandezas — O metro, o litro, a gramma

O estudo da arithmetica, tal como o temos desenvolvido até o ponto em que nos achamos, é parte integrante do curso primario das nossas escolas ; foi iniciado com uma turma de analphabetos, que, á proporção que se fôram adeantando nesta materia fôram também adquirindo (e com o mesmo professor) conhecimentos de todas as demais das séries respectivas ; de modo que, chegados ao ultimo ponto do programma de arithmetica do 3º anno, já devem ter adquirido ha muito nas aulas de «Lições de cousas» a noção geral de *grandeza* e particularmente a de extensão, a de peso, a de capacidade, como a de fórma, a de côr, etc., etc., propriedades que são das cousas, dos corpos que lhes devem ter sido apresentados. Ainda mais : já devem ter aprendido a comparar grandezas entre si, isto é, a *medir umas por meio de outras* ; a

conhecer, por exemplo, que certa extensão é duas ou tres vezes maior ou menor, do que outra ; que o peso de certo objecto é mais ou menos consideravel do que o de outro ; que certo vaso apresenta maior ou menor capacidade do que outro, e quantas vezes seria preciso encher um para por meio d'elle encher o outro, etc., etc. As expressões — dobro, triplo, quadruplo, etc., e suas antonymas — metade, terço, quarto, etc., ter-se-hão tornado familiares a todos os alumnos, sendo de notar que — a noção de unidade fraccionaria e de fracção — constituiu — materia de lição especial em que não foi esquecida nenhuma particularidade.

Precisando agora o professor de todas estas noções para passar ao estudo da medida das grandezas, será conveniente proceder a uma recapitulação que pôde revestir a fórma de arguição, de modo a encaminhar o espirito dos alumnos ao assumpto de que se vai occupar. Assim, mostrando-lhes objectos adequados, repassará as noções de — comprimento, largura, altura, com as expressões correspondentes : comprido, curto, largo, estreito, alto, baixo, e synonymos ; fará vêr que — *curto* corresponde a *pouco comprido*, como *estrito* a *pouco largo*, e *baixo* a *pouco alto*, levando-os á conclusão de que todas as cousas apresentam taes propriedades, que são apenas mais ou menos consideraveis, mais ou menos *grandes*. O comprimento, a largura, a altura, são pois *grandezas* ; e a cousa, o objecto em que fôram observadas essas propriedades, e que será, em virtude d'ellas, também mais ou menos grande, é igualmente uma grandeza.

Pedirá exemplos de grandezas varias : o grupo de alumnos da classe, que pôde ser mais ou menos grande ; o muro, uma arvore, etc. Fará vêr que — comprimento, largura, altura, são em essencia uma cousa só — a extensão — variando apenas a direcção em que ella é considerada, para o que basta verificar que — se quizermos representar só o comprimento, só a largura ou só a altura, teremos de fazel-o sempre e indifferentemente por meio de uma linha, de um risco, de um traço, como aliás já a classe toda sabe fazer. Por outro lado, tomando-se por exemplo um parallelepi-

pedo rectangulo e variando-se-lhe a posição, ficará provado que o comprimento pôde passar a ser altura, esta a largura, etc.

Será chamada a atenção dos alumnos para as expressões — altura, profundidade, grossura ou espessura — recordando-se que — tudo isso é a extensão no sentido vertical ; mas *altura* é a denominação empregada quando essa extensão é contada, observada, de baixo para cima, entendendo-se que começa num pouso, no ponto mais baixo e desenvolve-se, d'ahi para cima. Exs. : a altura da casa, da arvore, do muro, de uma pessoa. *Profundidade* é a mesma extensão no sentido vertical, mas contada, observada, de cima para baixo, acarretando a idéa de cavidade. Exs. : a profundidade do poço, do tanque, do lago, do mar, etc.

Quando a extensão no sentido vertical é muito pouco consideravel, é de pequena grandeza, toma o nome de grossura ou espessura. Exs. : a grossura de um livro, de uma taboa, de uma placa de vidro, etc., a espessura de um tecido, de uma folha de papel, de uma petala de rosa, etc.

Mostrará depois á classe, por exemplo, fios de lã, linha, etc., de comprimentos diferentes, embora bem consideraveis, e perguntará se são compridos ou curtos. Obtida a resposta de que são compridos, mostrará que entretanto não ha dous do mesmo comprimento ; apontará casas, arvores, pessoas altas, mas que não são da mesma altura ; fitas, folhas de papel, etc., largas mas de larguras diversas, afim de que compreendam os alumnos que — dizer comprido ou curto, largo ou estreito, alto ou baixo, grosso ou fino, etc., não é bastante para caracterisar a extensão nas suas tres direcções, para dal-a a conhecer de modo certo, preciso, determinado. Continuando, fará vêr que a extensão inflúe no valor de muitas cousas que adquirimos com dinheiro, e pelas quaes damos maior ou menor quantia segundo a extensão que apresentam. E' assim que entre duas peças de panno da mesma qualidade, se tiverem ambas a mesma largura vale mais a mais comprida, como se o comprimento fôr o mesmo e a largura diferente vale mais a mais larga. Num caso como no outro custará mais caro a peça em que ha mais panno e portanto maior

porção de materia prima e mais trabalho de fabricação.

Será pois necessario *medir a extensão*, isto é *comparar a extensão que se quer determinar com outra extensão já conhecida, já determinada*, afim de se verificar quantas vezes ella contem essa outra. Imaginemos, dirá, que a extensão a determinar, a medir, é o comprimento d'esta parede (aponta) e que a extensão conhecida é o meu palmo (mostra). Queremos saber quantos palmos *meus* mede esta parede. Para isso, applico o palmo de extremo a extremo do comprimento da parede (mostra) e conto á proporção : um palmo, dous palmos, tres palmos, etc., quarenta palmos.

O comprimento da parede é agora, para nós uma grandeza conhecida, determinada relativamente ao meu palmo ; O comprimento da parede é de 40 palmos :

E, perguntará, que nome devemos nós dar ao meu palmo, que é uma grandeza conhecida, isolada, destacada de todas as outras, que contamos um a um... ?

— Unidade.

— E essa unidade, essa *distancia* d'aqui a aqui (mostra) que poderíamos representar por uma linha recta... que vem a ser ?

— Um comprimento, uma extensão.

— Pois bem, o palmo será portanto uma unidade de comprimento, ou melhor — uma unidade de extensão.

Tomará depois o professor exemplos variados, servindo-se do comprimento da regua, do lapis, do palmo de um alumno etc., como unidade de extensão. Por fim e para fazer comprehender aos alumnos a necessidade de ser adoptada, uma unica unidade para todos os individuos, figurará o caso de precisarem duas pessoas, por exemplo, adquirir porções diferentes de renda ou outro tecido qualquer da mesma peça. Mostrará como pôde cada uma levar de casa a sua unidade (uma fita de papel, um cordél, etc.) e como seria possível ao negociante satisfazer de modo rigoroso aos compradores quanto á porção necessaria a cada um. A dificuldade surgiria porém na occasião de ser feito o pagamento : que preço exigir de um e de outro comprador, se não se conhece relação nenhuma entre as porções de

mercadoria que compraram? Evidentemente, um terá recebido mais do que o outro; mas quanto mais? E qual será então o excesso da quantia a pagar por esse que recebeu mais sobre a que deve pagar o outro? O problema não poderia ter solução; entretanto, se a unidade, empregada na *avaliação da grandeza*, na *sua medida*, houvesse sido a mesma, qualquer pessoa poderia resolver-o: o preço de quatro vezes a unidade, por exemplo, seria o dobro do preço de duas vezes a unidade; o preço da quarta parte da unidade seria quatro vezes menor também do que o preço da unidade, e assim por diante.

O valor da grandeza, da mercadoria, ficaria pois determinado, preciso, desde que ella fosse medida e sempre com a mesma unidade para todos os compradores.

Assim, avaliar uma grandeza é medir-a por meio de uma certa unidade.

No caso de que nos occupamos, continuará o professor, na medida da extensão, a unidade commum adoptada, a que todos acceitam, é esta (mostra) é esta extensão, que se denomina—o metro. Esta palavra *metro* (escreve no quadro) quer dizer, significa—medida, e este nome lhe foi dado porque, como veremos mais tarde, esta é a *medida das medidas*, a medida por excellencia, a principal, a mais importante, aquella d'onde procedem todas as outras. Podemos pois dizer que—o metro é a medida ou a unidade de extensão.

Assim, se quizermos medir a altura da parede, a largura de uma janella, o comprimento do jardim, qualquer extensão emfim, usaremos do metro.

O professor fará a classe usar do metro como já havia usado de outras unidades de extensão.

— Na lição seguinte será chamada a atenção dos alumnos para o tamanho, para a grandeza da unidade de extensão—o metro—que sendo muito accommodado á medida de peças de panno, fitas, rendas, comprimento, largura e altura de um aposento, etc., é entretanto pequeno para se avaliar a extensão de uma rua muito longa, de um jardim publico, do leito de uma estrada de ferro, de uma cidade, etc., etc.

Para se remover a difficuldade decorrente do emprego do metro em taes casos, para se tornar facil e rapida a

medida de taes grandezas constituídas por extensões muito consideraveis, imaginou-se medir logo de uma vez uns tantos metros, como se esses metros constituíssem uma só unidade.

Observação. Todos os alumnos conhecem, do estudo da numeração, a formação da *unidade composta*, de modo que não lhes pôde causar estranheza facto analogo relativamente, agora, a determinada unidade e não a unidades quaesquer.

Taes unidades, continuará o professor, poderiam ser formadas por dous, tres, quatro, etc., metros; entretanto, para se subordinarem os numeros que exprimissem o resultado da medida á mesma numeração decimal já consagrada pelo uso, foi ainda adoptado o numero dez como typo das respectivas unidades compostas.

Assim, temos: a dezena de metros, que recebeu o nome de *decametro*; a centena de metros, que se chama *hectometro*; o milhar de metros ou *kilometro*; e a dezena de milhares de metros ou *myriametro*.

Escreve no quadro:

decametro....	extensão de 10 metros ou uma dezena de metros
hectometro...	extensão de 100 metros ou uma centena de metros
kilometro....	extensão de mil metros ou um milhar de metros
myriametro...	extensão de dez mil metros ou uma dezena de milhares de metros.

Procederá então o professor á arguição e aos exercicios oraes e escriptos sobre esta primeira parte, mais ou menos como segue:

— Será necessario medir a extensão?

Porque?

— Qual a unidade principal de extensão?

— Que significa a palavra *metro* e por que razão se deu este nome á unidade de extensão?

— Como se medem as extensões muito consideraveis?

— Escreva 4 metros e 7 decámetros.

— Não poderíamos lêr de outro modo o numero escripto. Porque?

— Sete decámetros são... quantos metros?

— Se a nossa unidade é o metro, em que ordem devemos escrever os decámetros?

— Servi-me do hectometro como unidade; em que ordem devo escrever os myriámetros? Porque?

— Um kilometro e cinco decámetros, a quantos metros correspondem?

— Medi certo terreno servindo-me do kilometro, e verifiquei que sua extensão era de 7 kilometros e meio F. mediu o mesmo terreno, mas a metros e N. a decámetros.

Exprima o resultado da medição de F e de N.

— Tomei o decámetro para unidade na avaliação do comprimento do meu jardim. Em que ordem devo escrever os metros excedentes aos decámetros justos?

Etc., etc., etc.

Continuando: A estas unidades formadas ou constituídas por uns tantos metros (10, 100, 1000, 10000) dá-se o nome generico de — multiplos do metro, porque, effectivamente, resultam da repetição ou da *multiplicação* do metro certo numero de vezes.

Observemos agora que — se o metro é muito pequeno para avaliação de grandes extensões, é entretanto exageradamente grande para avaliação das extensões muito diminutas. E' assim que não conviria empregar-o na medida da grossura de um livro, de uma taboa commum, de uma placa de vidro, do comprimento de um pé, da largura de uma fita de seda para um cinto, etc., etc. Para remover esta nova difficuldade, foi preciso adoptar unidades accommodadas, menores do que o metro mas conservando com elle uma relação determinada, que, por motivos analogos aos que apreciámos ha pouco, teve de ser também decimal. Assim, foi dividida a extensão do metro em dez partes iguaes, constituindo cada uma portanto (vêr a lição sobre unidades fraccionarias) uma grandeza precisa, conhecida, determinada, uma nova unidade, uma unidade fraccionaria do metro, que se chamou *decimetro*. Dividindo-se a extensão de cada decimetro em dez partes iguaes, d'onde resultou a divisão do metro em cem partes iguaes, formou-se uma nova unidade dez vezes menor do que o deci-

metro, cem vezes menor do que o metro, e que se chamou por isso *centimetro*.

Dividindo-se ainda a pequena extensão do centimetro em dez partes iguaes, teremos uma nova unidade de extensão, dez vezes menor do que o centimetro, cem vezes menor do que o decimetro, mil vezes menor do que o metro, que se chamou *millimetro*.

Como vêem os alumnos os nomes dados a todas as unidades de extensão são relativos á palavra *metro*, marcam a relação entre a unidade de que se trata e o metro, porque este é a unidade principal, sendo as demais umas tantas vezes maiores ou menores do que elle.

Escreve no quadro:

decimetro....	extensão 10 vezes menor do que o metro, um decimo do metro.
centimetro....	extensão 100 vezes menor do que o metro, um centesimo do metro.
millimetro....	extensão mil vezes menor do que o metro, um millesimo do metro.

Fará o professor exercicios com os alumnos, usando do decimetro, do centimetro, do millimetro na avaliação de pequenas extensões: a largura da mesa, da carteira, do banco, a altura de uma gaveta, o comprimento do pé de um alumno, a distancia entre as pontas de um compasso, etc.

Chamará a atenção para o facto de se não usarem unidades maiores do que o myriametro, nem habitualmente menores do que o millimetro. Taes unidades não só escapariam ás necessidades communs, como se tornariam inconvenientes — a exaggeradamente grande por nos ser difficil fazer idéa da sua extensão justa, a exaggeradamente pequena pela difficuldade de lidar com ella na pratica, isto é, na medida das grandezas.

Por serem as novas unidades contidas exactamente, umas tantas vezes justas, no metro, dá-se-lhes o nome generico de *sub-multiplos do metro*.

Para terminar o estudo elementar do metro, restará apenas proceder a um questionario e a exercicios oraes e escriptos sobre esta segunda parte; mais ou menos como segue:

— Como se medem as pequenas extensões, isto é, as extensões inferiores ao metro?

— Qual o nome generico d'essas unidades ?

— Medi certo comprimento, servindo-me do metro como unidade. Em que ordem devo escrever os decímetros excedentes aos metros justos ?

Porque ?

— E se a unidade fôra o kilometro, em que ordem ficariam os decímetros ? E os millímetros ?

— Escreva 5 decímetros e 3 centímetros. Leia em relação aos decímetros, isto é, tomando o decímetro para unidade. Reduza tudo a centímetros, isto é, considere o centímetro como unidade.

— F. mediu o comprimento d'esta sala a metros, e chegou a este resultado: 7,^m84; N. mediu-o a decímetros; qual seria o resultado ?

Ha differença entre estes dous numeros ? Porque ? Etc., etc., etc.

Já vimos que o resultado da medida das grandezas é sempre *um numero* d'estas ou d'aquellas unidades: 4 palmos; 7 metros; 8,^m65; 3,^{km}682 etc., etc., etc. Ora, os numeros são elementos do calculo, é sobre elles que se realisam ou se effectuam as operações chamadas por isso mesmo — arithmeticas; logo, é possível termos a sommar, subtrahir, etc., numeros que em vez de exprimirem unidades quaesquer, abstractas, exprimam metros, decímetros, centímetros, etc.

Do que ficou estudado até agora, já se póde concluir que taes operações nada apresentarão de novo: se as unidades consideradas se formam exactamente como as unidades decimaes, inteiras ou fraccionarias; se portanto a numeração é a mesma que já estudámos para os numeros inteiros e repetimos para os numeros fraccionarios decimaes, as operações têm de ser forçosamente as mesmas e, sem mais explicações, a classe toda poderá effectual-as.

Proporá então o professor pequenos problemas a resolver mentalmente ou por escripto, mais ou menos como segue:

— A escola tem tres salas de frente, que lhe tomam toda a fachada.

A sala central tem 8 metros de comprimento e cada uma das lateraes tem 6,^m75. As duas paredes divisorias têm cada uma 0,^m12 de espessura. As duas paredes externas medem respecti-

vamente 2 decímetros de espessura. Qual é a extensão da fachada ?

— Comprei uma peça de panno medindo 54,^m25; vendi 8,^m4 a F.; vendi mais 12,^m08 a N. Quanto me resta da peça de panno ?

— Fiz hoje 4 vezes o caminho de casa á escola porque voltei a buscar um livro que tinha esquecido. A distancia de minha casa á escola é de 230,^m48. Qual a extensão que percorri ?

— A professora comprou uma peça de fita com 60,^m25 para distribuir pelas 30 alumnas da classe. Quanto coube a cada uma ? E quanto pagou cada uma, sabendo-se que o metro da fita custa 1\$200 ? Etc., etc., etc.

Na proxima lição trataremos do litro e da gramma.

O. C.

(Continúa)

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES

4º ANNO

CIRCULAÇÃO

Nesse ponto devem ser estudados successivamente: 1º, o sangue; 2º, o aparelho circulatorio; 3º, o mecanismo da circulação.

O sangue. — Fallar na composição do sangue; nos globulos que apresenta; no sangue arterial e no venoso.

O aparelho circulatorio. — Mostrar os órgãos que compõem o aparelho circulatorio: coração, arterias, veias e capillares.

Dizer que desses órgãos é o coração o mais importante; é elle o órgão propulsor do sangue. Fazer observar a posição que occupa, a fórma e o tamanho que apresenta. Chamar a atenção para as quatro cavidades em que está dividido, dando-lhes as respectivas denominações. Ensinar que as aurículas se communicam com os ventriculos correspondentes, por meio de um orificio fechado por uma valvula.

Accentuar que nem as aurículas, nem os ventriculos se communicam entre si; dahi o considerar-se o coração como formado por duas metades, conhecidas pe-

los nomes de: coração direito e coração esquerdo.

Explicar que o sangue é levado do coração para os diversos órgãos por meio de canaes, chamados arterias. Citar as principaes arterias (arteria pulmonar e arteria aorta) e dar ideia do trajecto por ellas percorrido.

Dizer que as arterias, para poderem levar o sangue a todas as partes do organismo, se dividem e sub-dividem um grande numero de vezes, até atingirem o diametro de um fio de cabelo—são os capillares.

Ensinar que os capillares, por sua vez, reúnem-se, formando as veias; que o papel das veias é trazer novamente o sangue dos órgãos para o coração.

Mencionar as principaes veias do corpo.

O mecanismo da circulação.—Advertir aos alumnos que o sangue é animado de um movimento continuo, formando em seu percurso duas circulações distinctas: a grande circulação e a pequena circulação.

A' vista de uma gravura ou de um schema feito no quadro negro, mostrar a marcha do liquido sanguineo.

Fazer notar que na grande circulação ou circulação geral, o sangue effectivamente percorre um trajecto muito longo, pois, parte do coração, irriga todos os órgãos do corpo e volta novamente ao coração: começa no ventriculo esquerdo e termina na auricula direita; que na pequena circulação ou circulação pulmonar, o percurso é muito menor; o sangue vae sómente do coração aos pulmões e dahi volta ao coração; esse segundo circuito principia no ventriculo direito e vae finalizar na auricula esquerda.

Cumprido, depois, fazer referencia ao phenomeno da hematose, aos movimentos de contracção e de dilatação do coração.

Assignalar que os órgãos só funcionam bem, permitindo ao individuo o gozo de boa saude, quando nada se oppõe á livre circulação do sangue, donde a inconveniencia do uso de vestimentas apertadas que obstem á livre expansão dos movimentos.

Respiração

Antes de entrar no estudo da respiração propriamente dita, convém que os alumnos conheçam o aparelho respiratorio. Conhecidos os órgãos que formam esse aparelho, tratar, mui particularmente, dos principaes — trachéa-arteria e pulmões.

Mostrar que o phenomeno da respiração comprehende dous actos inversos — a inspiração e a expiração.

Explicar como se passa cada um desses actos, lembrando, primeiramente, a disposição das principaes partes que constituem a caixa thoraxica.

Dizer que essa caixa é formada posteriormente pelas vertebraes dorsaes, lateralmente pelas costellas, anteriormente pelo sternum, sendo na parte inferior delimitada pelo diaphragma; que as costellas se articulam de um lado á columna vertebral e de outro, ao sternum, excepto os dous pares de costellas fluctuantes, que não vêm ter a esse osso; que as costellas se acham presas, entre si, por meio de musculos; prendem-se ás vertebraes, por intermedio dos musculos supercostaes; pela face interna, ligam-se umas ás outras pelos musculos subcostaes e os espaços, entre ellas existentes, são preenchidos pelos musculos inter-costaes; que, estando assim intimamente presas, não se pode deslocar uma, sem que as outras participem do mesmo movimento, que, durante a inspiração, ha um augmento de volume da caixa thoraxica, porque, quando o ar exterior entra nos pulmões, os dous primeiros pares de costellas se levantam, o que faz com que todas as outras tambem se levantem, que o sternum se desloque para diante e que o diaphragma se contraia, passando da fórma abobodada á plana.

Fazer vêr que, durante a expiração, dá-se o contrario, o volume da caixa thoraxica diminue. Indicar a razão desse facto — cessando a contracção dos musculos, as costellas, o sternum e o diaphragma retomam a posição primitiva, donde uma diminuição de volume da caixa thoraxica.

Fallar na quantidade de ar inspirado e expirado. Ensinar que um adulto, no estado normal, inspira de cada vez, cerca de meio litro de ar e expira uma quanti-

dade aproximadamente igual; que o numero de inspirações, por minuto, é de quinze, augmentando nas crianças e no individuo em estado febril.

Tratar da differença existente entre o ar inspirado e o expirado; dos effeitos do augmento e da diminuição da pressão atmospherica — doença dos caixões, mal das montanhas...

Finalmente, tratar da hygiene da respiração — meios de assegurar a pureza do ar; necessidade de evitar: a accumulção de individuos em aposentos fechados; gazes derivados de materias organicas em decomposição, de fossas de imundicies, de pantanos; as combustões e fermentações de certos corpos; a cohabitação com os animaes; a proximidade de estrebarias, gallinheiros, monturos; a con-

servação de flores nos dormitorios, durante a noite...

E. B.

“Casa Cirio”

Grande sortimento de artigos dentarios, perfumarias e cutilaria fina.
Importação directa dos Estados Unidos e Europa

JULIO BERTO CIRIO

Rua do Ouvidor N. 183

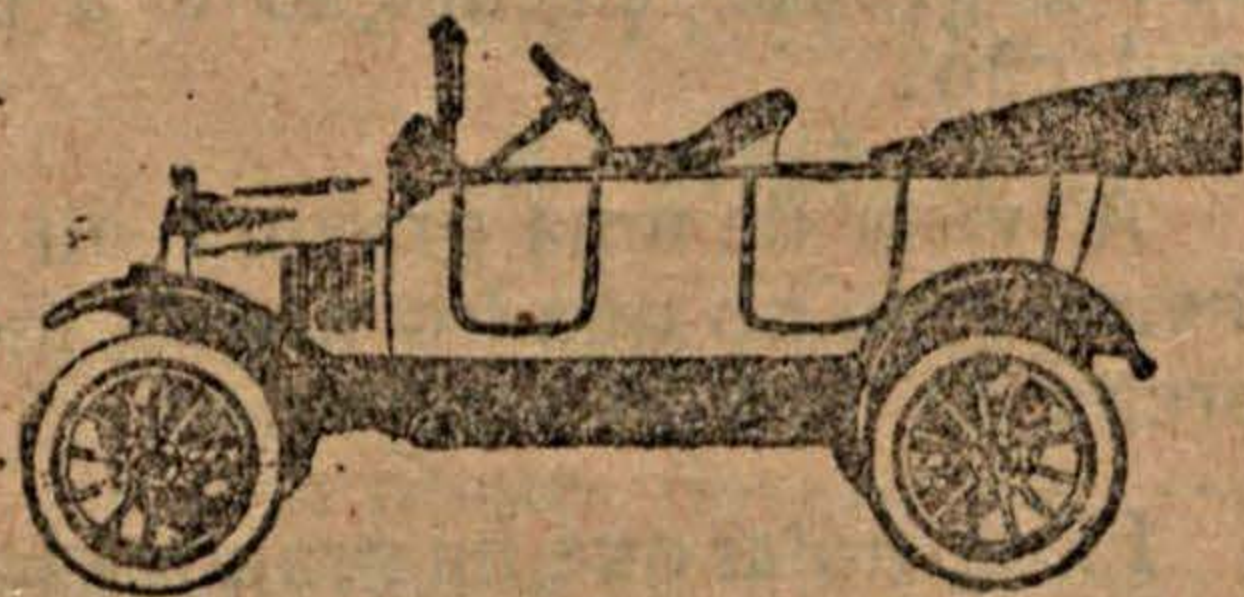
RIO DE JANEIRO

Telephone Norte 3117 — End. Tel. Cirio
Caixa Postal n. 15

De todos os automoveis o mais economico é o

Ford

O AUTO UNIVERSAL



O seu custo é de 50 % menos que o do mais barato automovel de qualquer outra marca. A sua força e velocidade é, praticamente, igual ou superior ás dos demais automoveis. As despesas com o seu custeio são insignificantes, graças á economia no consumo de gazolina, diminuto custo das peças sobressalentes e dos neus. O auto FORD é, pois, o unico que offerece reaes vantagens e atten de ás necessidades da actual crise.

VENDAS A PRESTAÇÕES

Agentes

Companhia Commercial e Marítima
Secção «Auto Geral»: RUA BENEDICTINOS, 1 a 7 — Telephones 753 e 759 N.
Stock permanente de peças sobressalentes legitimas

CASA DO BASTOS

R. URUGUAYANA 19-22

Novas creações em bufalo branco, Verniz, e pellicas de cores, setim, rosa, e branco.



TEL. 2616 central - Rio -
Peçam Catalogos

UNIFORMES E ENXOVAES COMPLETOS PARA COLLEGIAES
Fornecedores dos principaes collegios da Capital e dos Estados
ALFAIATARIA, CAMISARIA E GRAVATARIA - FAZENDAS POR ATACADO
VILLA DE PARIS — 35, Rua dos Ourives, 35
Buenos Ayres, 76 e 78 — Rio de Janeiro

A Exposição do Centenario

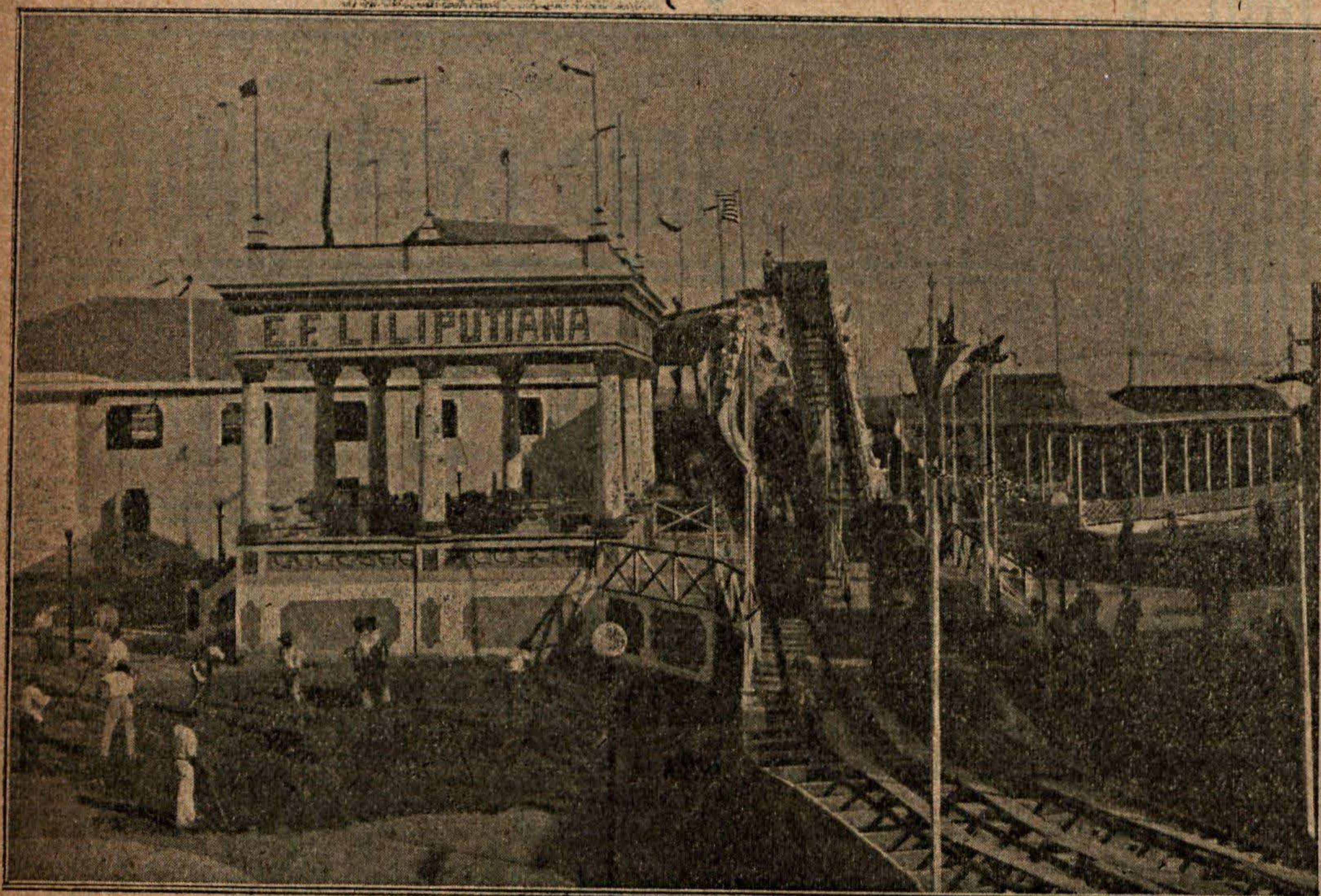
é uma grande escola aberta

a todos os Brasileiros

Nella encontrarão os professores uma demonstração eloquente do progresso de nossas artes, de nossas industrias e da riqueza de nosso solo, ao lado da magnifica exposição feita pelas nações amigas.

Visital-a frequentemente é dever de todos os professores, que alli colherão uteis ensinamentos para seus alumnos. Proporcionar a estes uma minuciosa visita á Exposição é offerecer-lhes a oportunidade do cumprimento de um dever patriotico e dar-lhes uma licção de grande utilidade.

O PARQUE DAS DIVERSÕES



Quem visita os principaes cenos mundiaes encontra sempre um gar destinado a attrair a multidão smopolita e anonyma que protra divertir-se, ou passar algumas horas despreocupadas. Em Paris iste o «Luna Park» e em Londres «Majestic City».

Nenhum, porem, foi delineado m tão fino gosto como o «Parque ds Diversões» que, pôde dizer-se m receio de desmentido, tem sido n chamariz á concorrencia que a a dia se manifesta, por motivo is opiniões emittidas pelos visintes ás pessoas amigas e conhedas.

O «Parque das Diversões» não ve deixar de ser visitado por dos aquelles que residam no Rio Janeiro e ainda por aquelles te, como «touristes», passem por tr encantadora cidade, destinada r um capricho da Natureza e la tenacidade, valor e patriotismo is seus naturaes, a supplantar ntro de curtos annos as mais afaadas capitaes da Europa.

Os recreios espalhados por todos recantos do formoso parque da enida das Nações conseguem primir em todos os espiritos uma egria como que instinctiva. O

«tubo do riso», os «aeroplanos», o «chicote», os «cavallinhos», toda aquella interminavel e quasi fantastica serie de divertimentos, são de molde a prender a attenção dos forasteiros e a attrair ao mesmo tempo novos visitantes, empenhadados em dar largas não só á curiosidade como tambem á ancia natural de algumas horas felizes de prazer e jubilo.

O local onde funciona a «corrida de cavallos» apinha-se todas as noites, fazendo-se, ás vezes, importantes apostas que são pagas por meio de Bonus da Independencia. No «tubo do riso» desde as primeiras horas da tarde até ao encerramento da Exposição, entram e saem, em fileira, centenas de pessoas soltando francas e estridentes gargalhadas e, a coroar todo esse interesse do publico, apresenta-se a nossos olhos a sumptuosidade dos edificios de formosas e esbeltas linhas architectonicas.

Nos vastos salões de dansa, ornamentados vistosamente, reune-se a flor da elite brasileira, sendo elles o ponto preferido da sociedade «smart».

A construcção do parque pode considerar-se, pois, uma das mais

arrojadas iniciativas postas em equação e levadas a effeito para a commemoração do centenario da independencia brasileira.

Quem tenha viajado pelo estrangeiro não encontrará, por certo, coisa alguma que possa supplantar, ou pelo menos igualar, quer na diversidade das distracções, quer na imponencia e majestade dos edificios, o formoso Parque das Diversões, com que um grupo de capitalistas dotou a primeira cidade do Brasil, mais por uma questão de patriotismo do que propriamente por interesse.

Annexos foram installados dois restaurantes modelares, onde são confeccionados com escrupuloso esmero os mais variados acepipes, encontrando-se a cada passo elegantissimos «bars» coalhados de mesas ao ar livre, illuminados por myriades de lampadas de cores variadas, que ao recinto dão um aspecto deslumbrante e feérico.

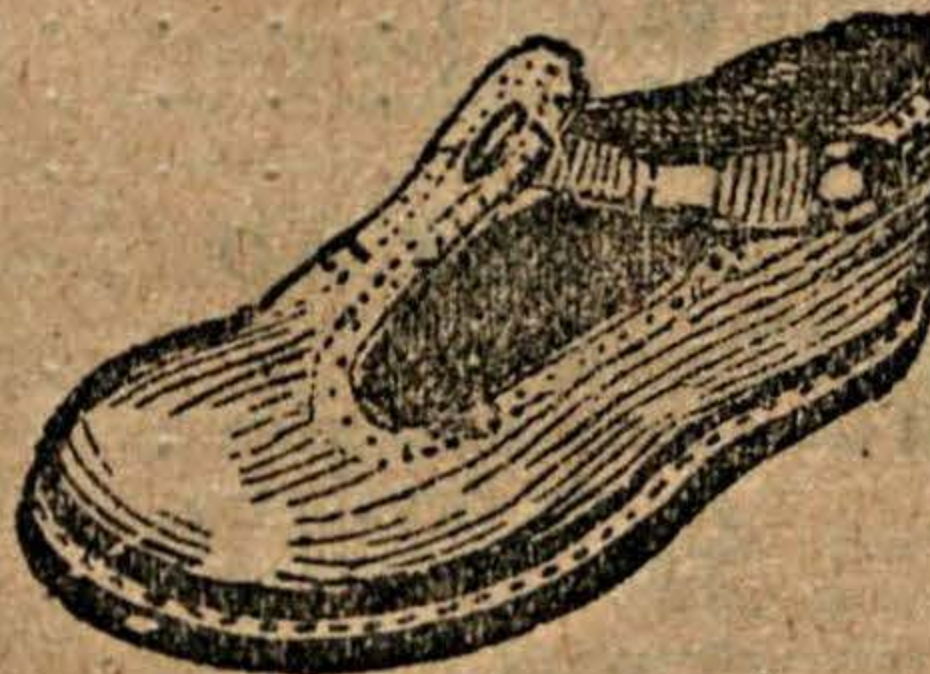
A visita ao Parque de Diversões impõe-se. Nenhum brasileiro deve deixar de cumprir essa obrigação como nenhum brasileiro pode esquivar-se á apreciação duma das maiores attracções que actualmente se exhibem no Rio de Janeiro.



OCULOS e PINCE-NEZ
para qualquer defeito da vista
Apparehos Photographicos e Accessorios.
LUTZ, FERRANCO & CIA LDO
RUA GONÇALVES DIAS N. 40 — RIO

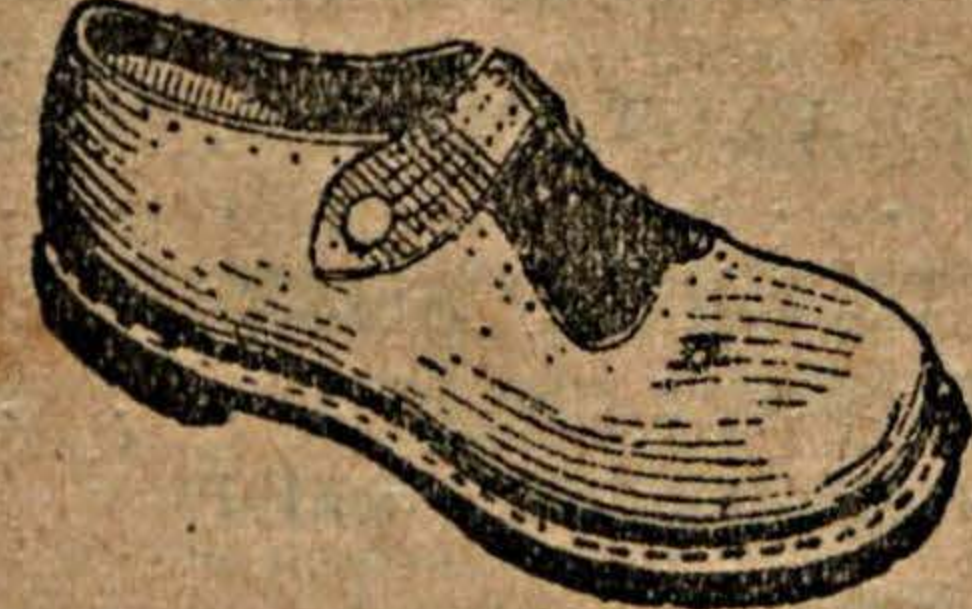
CASA GUIOMAR
CALÇADO DADO
Avenida Passos, 120
(Proximo a Rua Larga)

Tendo adqnrirido uma importante fabrica pode assim vender todos os seus productos de calçados desde as alpercatas a Luiz XV mais barato que qualquer casa 50 oio.



MODELO NILDA

De 17 a 26.....	4\$000
De 27 a 32.....	5\$000
De 33 a 40.....	6\$500



MODELO NORAH

De 17 a 26.....	4\$500
De 27 a 32.....	5\$500
De 33 a 40.....	7\$500

Pelo Correo, mais 1\$500 por par
Remettem-se catalogos illustrados gratis para o interior a quem os solicitar.
Pedidos a JULIO DE SOUZA

Casa das Novidades
Meias, luvas, leques, bolsas, carteiras, rendas, fitas, colares, pulseiras, brincos e chapéos para meninas e senhoras
A's Exmas. professoras municipaes faz-se o desconto de 10%
38, TRAVESSA S. FRANCISCO, 38




O que o doente sente com o uso do «ELIXIR DE INHAME»

Com o tratamento pelo Elixir de Inhame, o doente experimenta uma grande transformação no seu estado geral; o apetite augmenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arlenico) a cor torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos musculos, mais resistencia á fadiga e respiração facil. O doente torna-se florescente, mais gordo e sente uma sensação de bem estar muito notavel.

Modo de usar : O Elixir de Inhame Goulart deve ser usado na dose de umther depois de cada refeição.
a

Depura - Fortalece - Engor da

A Dentição das Creanças



Todo o cuidado é pouco quando se trata dos dentes da Creança pois a saude depende em grande parte do estado da bocca.

Auxilio e Assistencia Dentaria Gratuita Associação Central Brasileira dos Cirurgioes Dentistas, Av. Rio Branco, 142.

S.S.White Dental Mfg. Co. of Brazil

LUVARIA GOMES

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 129

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILLARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional	\$600
2º Livro de Leitura	1\$000
3º Livro de Leitura	1\$000
4º Livro de Leitura	1\$000

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia	\$600
2º Livro de Leitura	1\$500
3º Livro de Leitura	2\$500

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$500
1º Livro de Leitura	3\$500

SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica	1\$500
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$000
5º Livro de Leitura	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães	1\$000
Primeiras Leituras	2\$000
Leituras Moraes	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura	1\$500
Cartilha	1\$800
Leitura Preparatoria	2\$500
1º Livro de Leitura	2\$500
2º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	4\$000

JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$500
5º Livro de Leitura	4\$000
Leituras Praticas	3\$000
Fabulas (em verso)	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria	2\$000
Leitura para o 2º anno	2\$500
Leitura para o 3º anno	2\$500
Leitura para o 4º anno	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias	2\$000
1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$000

ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura	\$600
Novo 1º Livro de Leitura	1\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500

SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna	1\$000
Segundo Livro	1\$000
Segundo Livro	1\$000

FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler	\$500
2º Livro de Leitura	1\$600
3º Livro de Leitura	2\$000
Excursões escolares	1\$000

DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro	1\$500
Vida Infantil 2º Livro	2\$000
Vida Infantil 3º Livro	2\$000

COLLECÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro	1\$000
Novos principios de Leitura	1\$000
Guia Infantil, 1ª parte	2\$000
Guia Infantil, 2ª parte	2\$000
Guia Infantil, ás 2 partes	4\$800
O 1º Livro de André 1ª parte	2\$000
O 2º Livro de André 2ª parte	2\$000
Compendio de Historia Sagrada	3\$000
Noções de Sciencias	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.)	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.)	6\$000
E. DE AMICIS — Coralção	2\$000

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios	3\$500
" " Patria Brasileira	3\$500
" " Theatro Infantil	2\$500

CORNAZ

As creanças e os animaes	1\$500
Novos Amigos	2\$070
CORREIA e BARRETO—Era uma vez	2\$000
A. M. PINTO—Proverbios populares	2\$000
BILAC e BOMFIM—Leitura Complemeutar	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA—Céo, Terra e Mar	3\$500

TANCREDO AMARAL

Livros das Eacolas	3\$000
------------------------------	--------

BARRETO E LAET

Anthologia Nacional	6\$000
-------------------------------	--------

EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira	6\$000
---------------------------------	--------

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos	3\$000
Selecta Classica	4\$000
DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico	3\$500
B. P. R.—Leitura Manuscripta	1\$500

A BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica	2\$500
OLAVO BILAC—Poesias Infrantis	3\$500
L. FERDINAND—Lyra das Creanças	2\$000
R. PUIGGARI—Album de Gravuras	2\$000

Remettemos o nosso catalogo, gratis para todo o Brasil